



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Formação da Identidade da Colônia Treze

GIL MARCOS DOS SANTOS CARVALHO

SÃO CRISTÓVÃO – SE
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Formação da Identidade da Colônia Treze

**Projeto de pesquisa em Ciências Sociais,
solicitado pela Disciplina Pesquisa II como
parte da avaliação do projeto de conclusão do
curso, ministrada pelo Prof. Dr. Luiz
Gustavo.**

AGRADECIMENTO

Quero agradecer, primeiramente a Deus por ajudar-me na realização deste trabalho, e também, a compreensão, e a força, e a paciência de minha esposa, Jane Viana, que esteve comigo durante todo o tempo. Agradeço, também, ao senhor Ernade Domingos de Oliveira, por apresentar-me os entrevistados e acompanhar-me em todas as entrevistas e revelar, também, detalhes importantes da história do povoado Colônia Treze em Lagarto/SE.

RESUMO

O presente trabalho visa situar historicamente a formação da Colônia Treze, povoado de Lagarto/SE, além de discutir a formação da identidade da Colônia. Claro, que essa formação teve a COOPERTREZE que surgiu em 1962, como a principal formadora dessa identidade. Outro aspecto que o texto discute é que a identidade desse povoado se diferencia dos demais, criando sua bandeira, hino e por último almejando sua independência do município.

Palavras chaves: Formação da Colônia, produção, coletividade e formação de identidade diferenciada.

Abstract

The present work aimed to situate historically the formation of Colony Thirteen, settlement of Lizard/SE, in addition, to discuss the formation of the identity of the Colony. Of course, this formation had COOPERTREZE that appeared in 1962, as the main formator of this identity. Another aspect that the text discussed was that the identity of this village differs from the other settlements of Lizard, creating its flag and anthem and lastly, aiming its independence of Lizard,

Keywords: Formation of the Colony, production, collectivity and formation of differentiated identity.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	08
2.	HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA COLÔNIA TREZE E COOPERTREZE	10
3.	O QUE É COOPERATIVISMO?	21
4.	FIXAÇÃO DOS COLONOS NA COLÔNIA AGRÍCOLA DO TREZE	27
4.1	METODOLOGIA UTILIZADA NO TRABALHO	27
4.2	QUEM É ANTÔNIO MARTINS	29
4.3	COLONIZAÇÃO DO POVOADO	32
5.	FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO TREZE	40
6.	CONCLUSÃO	51
7.	CRONOGRAMA DE EVENTOS	54
8.	BIBLIOGRAFIA	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sede da Cooprtariva.....	11
Figura 2: Mapa de Lagarto	15
Figura 3: Centro de Assistência Médica.	16
Figura 4: Gerência do Sr. Erasmo	18
Figura 5: Foto de Antônio Martins.....	30
Figura 6: Foto de Antônio Martins na Feira.....	32
Figura 7: Casa Padrão.....	33
Figura 8: Hino da Colônia Treze.....	34
Figura 9: Foto da Fzenda do Treze.....	39
Figura 10: Foto da Saída do Treze.....	39
Figura 11: Foto de Henrique Barbosa.....	43
Figura 12: Foto de Antônio José Martins.....	46
Figura 13: Foto de Jóse Martins Farias Neto	50

1. Introdução

Esse trabalho visa mostrar a importância da Coopertreze para economia da Região Centro Sul de Sergipe, principalmente no processo de colonização da Colônia nos primeiros 30 anos.

Em meio à crise econômica no ano de 1962, surgiu a solução de fundar a COOPERTREZE (Cooperativa Mista dos Agricultores do Povoado Treze LTDA) que contou no início com 21 (vinte e um) agricultores filiados. A cooperativa é um agir coletivo com os outros cooperados, ou seja, trabalhadores unidos em busca do mesmo objetivo, além disso, podemos afirmar que esta é uma organização de pessoas unidas pela cooperação e ajuda mútua, tendo como finalidade o crescimento econômico de todos, inclusive enquanto cidadãos.

Com o passar dos anos a cooperativa ganhou mais adeptos, adquiriu terras e bens como: chafariz, depósitos, ambulatórios, ambulâncias, etc., além de garantir aos associados a venda de seus produtos sem atravessador. Mas, nos anos 80, a Cooperativa entrou em uma crise financeira provocada pelo prejuízo na produção de fumo, inflação, falta de bons administradores, entre outros problemas. Atualmente, esta possui uma atuação inexpressiva, sem quase nenhum filiado e com os bens penhorados.

Nos primeiros anos, a Colônia Treze passou por três catástrofes, sendo duas naturais e uma econômica. Essas catástrofes prejudicaram o crescimento da economia da região, tendo uma queda significativa na produção de fumo e afetando a renda dos agricultores levando muitos destes a abandonarem suas casas, o que contribuiu para o colapso da região. Os demais que persistiram em ficar na colônia, passaram a cortar árvores e vender sua madeira em outras regiões.

Além do fumo, com o passar do tempo, a laranja foi crescendo em área plantada e consequentemente sua produção foi aos poucos sendo substituída pela antiga cultura. As novas áreas que variaram de 4,5 Hectares a 7,6 Hectares foram plantadas em regime comercial, além desses dois produtos foram também produzidos, para sua subsistência, mandioca, milho, amendoim e outros.

O método que utilizamos para estudar este caso é o da história oral, devido ao pouco material escrito para explicar o caráter antropológico da formação do Treze. Durante a coleta de dados, foram feitas várias entrevistas com pessoas que viveram na época da fundação da

Colônia Treze. Por último, o nosso trabalho tem o objetivo de chegar à questão da formação da identidade das pessoas do povoado.

O conceito que nos mostra a construção da identidade coletiva é a fixação de grupo e de símbolos identitários que fundam a crença e uma origem comum. Para Weber, a identidade não é um conjunto intemporal, imutável de traços culturais, mas são transmitidos de geração para geração. (Weber, 1921), (1971, appud p/ Jocelyne, 1998). Claro, que, sofre alterações com contato com outros grupos. A Colônia Treze teve a formação da sua identidade pela contribuição da cooperativa e da vinda de novos habitantes. A criação da Coopertreze promoveu trabalhos coletivos, a consciência política, e isso fez do povoado o mais reivindicador e crítico em relação aos demais da cidade de Lagarto. Com o declínio da cooperativa e a vinda de novas pessoas para a localidade, fez com que as gerações posteriores aos anos 80 tivessem uma queda no espírito de coletividade. Mesmo com o quase fechamento da cooperativa, os habitantes que viveram no período auge do cooperativismo do povoado, mantém vivo na memória o espírito de coletividade e tenta passar para as gerações futuras.

Essa construção da identidade do Treze é vista pela memória dos mais velhos e também notada por alguns aspectos comportamentais diferentes dos outros moradores do município. Isso pode ser visto pelo desenvolvimento econômico e social em relação a outros povoados mais antigos da Região Centro Sul. O Treze pode se dizer que já tem status de cidade de médio porte no Estado, pois já conta com diversos serviços necessários para uma cidade.

Por isso, os convidamos a adentrar no texto e conhecer a história da colonização do povoado que mais se desenvolveu economicamente e socialmente do estado de Sergipe. Além de aferir como uma Cooperativa contribuiu para a colonização da região e a formação de uma identidade que busca através da cooperação superar os obstáculos para o desenvolvimento do seu povo.

2. Histórico da formação da Colônia Treze e da COOPERTREZE

Este capítulo mostrará como se formou a Colônia Treze, a sua origem, de onde as pessoas vieram e a fundação da cooperativa, além de sua importância para economia, política e a formação de um povo.

A COOPERTREZE (Cooperativa Mista dos Agricultores do Povoado Treze LTDA) durante os 50 anos de existência, teve grande relevância na efetivação da colonização do povoado Treze, bem como um papel fundamental no desenvolvimento econômico e social durante esses anos. A cooperativa surgiu para resolver um grande problema social da Região Centro Sul de Sergipe, principalmente no município de Lagarto, distribuindo terra a quem não tinha e dando condições para exploração econômica desta. A ação da COOPERTREZE estende-se até aos municípios de Salgado e parte de Boquim.

O nome do povoado Treze surgiu porque a colônia ficava centralizada a 13 quilômetros de Lagarto e a mesma distância do Posto Fiscal de Salgado, isso naquela época. Com a construção da Rodovia Lourival Baptista a distância para Lagarto aumentou para 15 quilômetros e para Salgado 8 quilômetros. A história de seu surgimento permanece até hoje.

Nos primórdios da história da Colônia, mais precisamente nos anos de 1950, a terra era improdutiva e considerada imprestável para exploração agrícola. Mas, na cidade de Lagarto existia um homem chamado Antônio Martins de Menezes, filho de uma tradicional família que tinha condições financeiras e era bastante respeitada pela população. Além disso, era comerciante de fumo e possuía seu depósito no povoado Sobrado, próximo à Colônia. Ele a adquiriu por compra ao senhor conhecido como “Totonho Conrado”, aproximadamente 2.800 tarefas (848,4 ha), essa terra era o Treze. Localizada numa estreita faixa de terra a oeste da cidade de Lagarto a Colônia Treze era uma região de Mata Atlântica, seu solo coberto por tabuleiros costeiros comprometiam a sua fertilidade e conseqüentemente o uso para exploração agrícola. O clima predominante na região é o sub-húmido e sua pluviosidade anual varia entre 1.000 mm a 1.400 mm.

A Colônia Treze surgiu quando algumas pessoas saíram de alguns povoados próximos para uma estrada que levava para Lagarto e também para Salgado, esse ponto era o Km 13, ou seja, caso alguém se deslocasse daquele ponto para Lagarto ou Salgado a distância sempre era de 13 quilômetros. De tanto as pessoas falarem no quilômetro 13, assim ficou o nome, Treze. Já a COOPERTREZE, por sua vez, surgiu no ano de 1962, quando um Cubano por nome “Elmo” foi para o Treze. O nome de Seu Elmo é citado por muitos moradores e que este com

suas ideias influenciaram na formação de uma cooperativa não só meramente comercial, e sim social e cidadã. Segundo o senhor Ernade Domingos de Oliveira, morador do povoado próximo, Elmo ficou pouco tempo por ter ideias socialistas, por isso se tem poucas informações suas. Ele começou a passar “filmes” para os agricultores pregando a importância de se juntarem, formando uma cooperativa que os ajudassem a prover emprego e renda, sem depender de intermediário para vender os produtos. Depois da formação da cooperativa, famílias de várias outras localidades viram o projeto ajudar as pessoas melhorarem as suas condições econômicas e sociais.



Figura1: Sede da Cooperativa

Fonte: Própria

De acordo com o Senhor Antônio Bispo Neto, morador desde 1960, o objetivo de Antônio Martins em comprar as terras do Treze para dividi-la em lotes e entregar aos agricultores, a fim de que estes trabalhassem para ele. Mas, alguns anos depois para habitar a terra comprada, Antônio Martins, convidou alguns agricultores e lhe emprestou sem ônus, a terra, com o único compromisso dos comodatários venderem o produto final ao seu dono. A primeira casa a ser construída no povoado foi em 1932, pelo senhor conhecido por “Ângelo”. Essa terra era localizada no sentido leste/oeste do lado direito da região, pois o lado esquerdo pertencia ao cidadão chamado Antônio Fraga Fontes.

Depois de anos da primeira casa construída e alguns agricultores que começaram a produzir, em 1956, existe a versão que diz que Antônio Martins vendeu a terra depois da superprodução daquele ano, ou seja, ocorreu uma inesperada superprodução de fumo, causando um prejuízo enorme obrigando-o a vender os produtos no Norte e Nordeste a preços abaixo do mercado. Isso obrigou ao proprietário a desfazer-se da terra, vendendo-a ao Sr. Antônio Fraga Fontes que tinha objetivo de desenvolver a região. Para isso, o senhor em

questão, tomou empréstimo ao Banco do Brasil da cidade de Lagarto, tendo como avalista seu irmão Sr. José Martins, este montou, na região uma indústria de corda de Sisal e uma Cerâmica. O primeiro ano teve um relativo sucesso, mas no ano de 1958 o Sr. Antônio abriu falência, fugindo de Sergipe em seguida, deixando um grande débito no Banco. A instituição econômica levou a leilão a propriedade sendo esta arrematada pelo dono anterior, Antônio Martins. Além dessa área ele comprou do Sr. “Tibúrcio”, como era conhecido na região, 06 hectares a mais, entre atual Pista do Açuzinho e o Posto Médico.

O grande desafio do proprietário era explorar economicamente, mas não tinha ninguém interessado em morar na região. Já em 1958, quando se tornou prefeito de Lagarto pelo voto popular, comprou a terra no leilão tendo-a de volta em 1960 e dividiu a propriedade em lotes de 10 tarefas (3 ha), cada. Esses lotes foram doados através da escritura pública aos senhores: Venâncio Bispo dos Santos, Zeca Ribeiro, Antônio Góis, João Lourenço, Juarez Lourenço, José Cornélio de Souza, José Lourenço, José Martins, Pedro Martins e Manoel Messias do Nascimento. Esses homens iniciaram a colonização sob o comando do Sr. Antônio Martins, construindo suas casas e preparando a terra para plantio.

No mesmo ano, aproximadamente 80 agricultores sem terra foram agraciados com lotes de 10 tarefas. Os colonos foram financiados com o aval do Sr. Antônio Martins, com objetivo de construir casas e custear a lavoura, na época o fumo era explorado economicamente e a mandioca como subsistência das famílias. Uma observação importante é que os lotes doados, nem todos foram valorizados e adquiriram o mesmo desempenho. Meses depois mais 144 agricultores receberam lotes e construíram suas casas. Esses agricultores vinham de povoados próximos às colônias ou de outras localidades a convite de Antônio Martins. Os lotes eram doados à medida em que os agricultores iam chegando ao Povoado Treze.

No ano de 1962, os agricultores começaram investir na terra, tomando empréstimos ao Banco do Brasil. Eles não obtiveram sucesso na plantação devido a um inverno que durou 18 meses, prejudicando toda a lavoura, principalmente o fumo, produto principal na época, gerando uma enorme dívida. A região entrou em colapso provocando um número grande de flagelados, sendo que alguns fugiram para não pagar a dívida.

Diante do problema os agentes financeiros como INDA- Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (atual INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), a SUDENE – Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste e CONDESE – Conselho do Desenvolvimento de Sergipe (atual Secretaria de Planejamento) criaram um grupo de trabalho visando analisar a situação e apresentar soluções definitivas que colocasse um fim à

crise. A solução encontrada foi uma sociedade cooperativista. De posse do resultado o Grupo de Trabalho e autoridades resolveram convocar uma assembleia geral para instituir uma Cooperativa que viesse a solucionar a grave crise econômica. Em 23 de setembro de 1962, 21 agricultores reuniram-se e instituíram a Cooperativa dos Agricultores do Treze LTDA. Logo em seguida, no dia 23 de dezembro do mesmo ano a cooperativa passou a ser chamada de COOPERTREZE – Cooperativa Mista dos Agricultores do Treze LTDA. Já no final do ano o quadro de associado já era de 76 agricultores.

Os 21 Agricultores iniciantes da Cooperativa tomaram um empréstimo ao Banco do Brasil de Cr\$ 365.000,00 (Trazendo e sessenta e cinco mil Cruzeiros), esse dinheiro foi uma grande esperança para tirá-los da calamidade. O Banco do Brasil e órgãos de apoio trataram de assessorar nos projetos, além disso, a Cooperativa tomou mais um empréstimo de Cr\$ 78,823 milhões (moeda corrente da época). Com esse dinheiro a COOPERTREZE comprou um terreno em 1963, de 6.744 tarefas de terra (2.043,7 hectares) para entregar aos agricultores, que tinham perdido tudo no ano anterior, estes receberam um lote de três hectares, cada, para reconstruírem suas casas. Essa política foi adotada pelo seu primeiro presidente o Sr. José Firmino de Araújo, eleito para um mandato de três anos.

A cooperativa procurou sempre dar ênfase ao colonizado, ou seja, ao associado transformando suas terras improdutivas em pequenas áreas altamente produtivas. A instituição cooperativista tem como base fundamental agregar agricultores, realizando o interesse econômico destes, no sentido de adquirir propriedade plena ou o domínio útil de terras públicas ou particulares, a fim de promover o seu aproveitamento econômico, mediante a agricultura, pecuária e a agroindústria divididas em lotes ou parcelas, para vendê-las através de financiamento aos cooperados, como meio à industrialização da produção de seus cooperados, adquirir e repassar aos associados bens de produção e insumos, prestar assistência tecnológica ao quadro social e outros. Sua área de atuação são os municípios de Lagarto, Simão Dias, Itaporanga D´Ajuda, Riachão do Dantas, Salgado e Boquim no Estado de Sergipe. A sede administrativa está localizada na Colônia Agrícola da Colônia Treze, Lagarto - SE.

O governo do Estado, na época o Vice-governador Sr. Dionísio de Araújo Machado (político de Lagarto), devido ao afastamento do titular da pasta, Governador Luiz Garcia para candidatar-se ao Senado Federal, ajudou a Cooperativa financiando com uma verba de Cr\$ 5 mil (cinco mil cruzeiros) para cada associado que teve sua casa destruída completamente e Cr\$ 2,5 mil (dois mil e quinhentos cruzeiros) para aquelas parcialmente destruídas. Esse benefício era, apenas, para os associados. Além disso, em 13 de julho 1964 chegou aos

alpendres da cooperativa as primeiras máquinas que seriam utilizadas pelos agricultores, e nesse ano iniciou as grandes construções no povoado promovidas pela Cooperativa. Atendendo a um pedido da sociedade, abriu-se um Armazém de Consumo, para comercializar produtos com a comunidade. Com um bom desempenho do Armazém, a Cooperativa construiu um chafariz para atender a necessidade de água da população do povoado na época.

A Cooperativa no final do ano de 1963 e início de 1964 enfrentou sua primeira crise social e financeira, ou seja, vários problemas administrativos e políticos. No meio dessa crise aconteceu a eleição do Sr. Marinho Correia dos Santos para presidente da Cooperativa. Um associado revoltado com a eleição, conhecido como “Zé Cigano”, decidiu “derrubar” o presidente acusando-o e ao representante do banco do Brasil na Cooperativa, o Sr. Helman Pereira do Lago, de serem comunistas e que a associação estava cheia deles. O acusador fez um abaixo assinado com 60 adesões, dos poucos 100 associados e levou para a Assembleia legislativa do Estado, que foi analisado pelos seguintes deputados: Pedro Batalha de Góis, Pedro Barreto Siqueira, Horácio Dantas de Góis, José Onias de Carvalho, Antônio de Jesus e Santos Mendonça. Após ouvirem os representantes da Cooperativa nenhuma evidência da denúncia foi encontrada. Os deputados no final ficaram do lado dos cooperados que os ajudaram a estabilizar a crise política.

O modo como os agricultores produziam chamava atenção de muitos, era técnica de ajuda mútua, utilizado pelos primeiros colonizadores. Esse método consiste na troca de dias de trabalho, funcionava da seguinte maneira: todos os agricultores possuíam um determinado número dos chamados “sócios”, todos os produtores rurais da Colônia Treze. Consistia que cada agricultor se comprometia com um dia de trabalho por semana a outros sócios e assim respectivamente. Essa atitude fazia a diferença em toda região, porque aumentava a produtividade e unia mais os associados. Essa prática foi utilizada para solucionar um problema da produção de fumo que exigia muito esforço físico e um número grande de trabalhadores para produzi-lo. Por não terem recursos financeiros suficientes, usaram esse método alternativo.

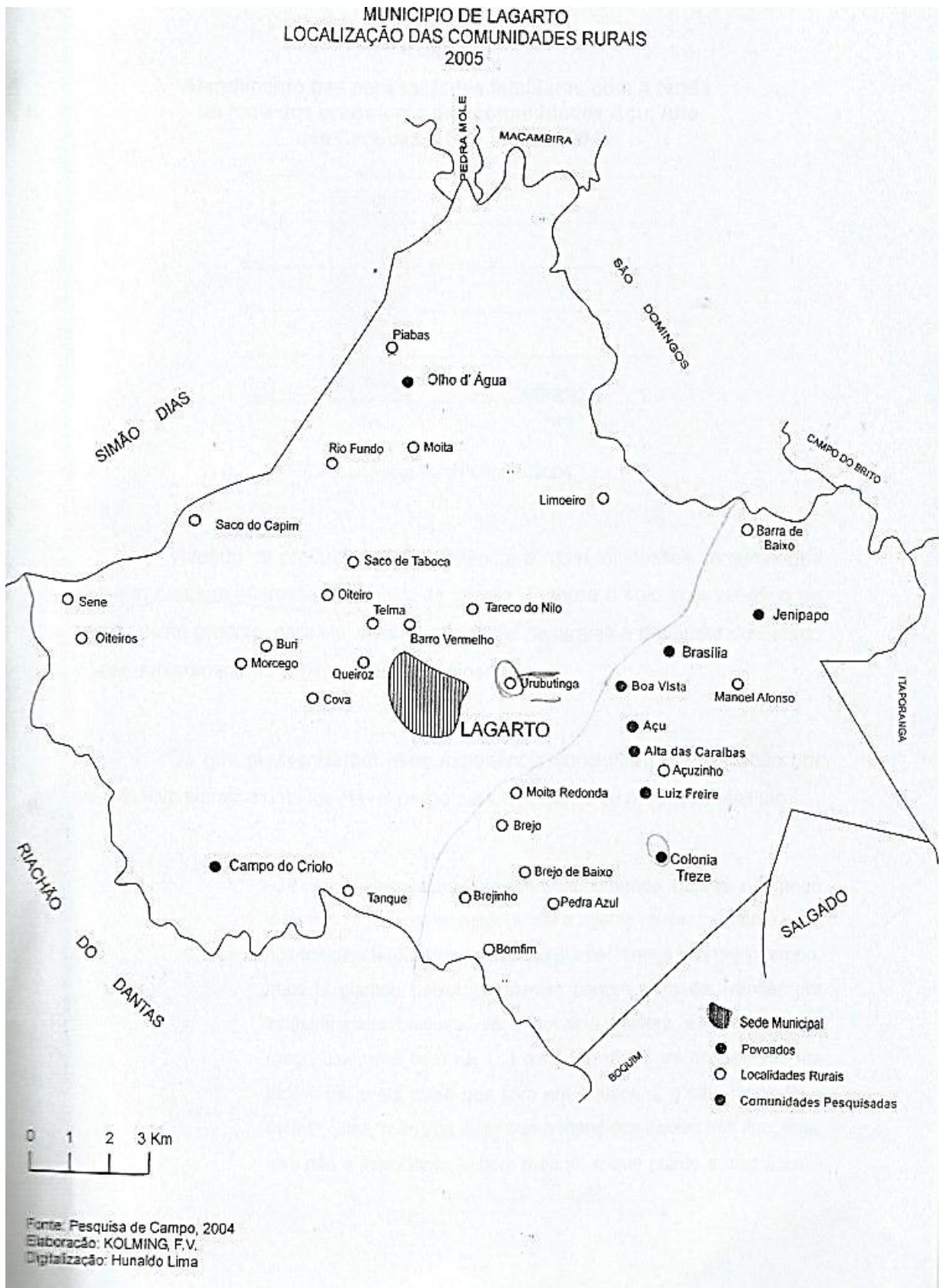


Figura 2: Mapa de lagarto

De tanto eles utilizarem esse método, os moradores firmavam compromisso de um ajudar o outro no momento do fabrico do fumo, desenvolvendo um forte sentimento de unidade, sentimento que os identificavam como uma grande família. Esse sistema foi responsável pelo desenvolvimento rápido da região, aumento da produtividade do fumo e renda dos agricultores. Por outro lado, ficava evidente o alto grau de organicidade que estes pequenos agricultores já possuíam.

Em 1964, o Banco do Brasil S.A mandou para Cooperativa um inspetor o Sr. Aloísio Lobo das Mercês para juntamente com alguns cooperados apontarem a solução da crise financeira. A solução encontrada foi romper com a monocultura do fumo como única alternativa econômica. A partir desse momento a COOPERTREZE passou a plantar laranja, dando muito certo, pois a cada ano aumentava o número de agricultores aderindo à plantação da cultura. Isso fez a Cooperativa adquirir mais terra, 5.940 tarefas (1800 ha) que possibilitou assentar mais colonos em áreas que variam de 4,5 hectares a 7,6 hectares. Nessas áreas foram plantados fumo e laranja em regime comercial e a mandioca, milho, amendoim e outros como subsistência. Foram construídas casas, depósitos, cisternas dando condições aos colonos de se instalarem nas áreas sem problemas futuros.

Ao longo dos anos a Cooperativa foi adquirindo novos bens e aumentando seu patrimônio. Com isso, sua atuação na área social ia aumentando como: educação e saúde passaram a ser prioridades. Assim, os serviços de assistência social, médica, educacional e outros foram contemplados com recurso de convênios firmados para o fim. Os serviços médicos são: odontológicos, de laboratórios, inclusive ambulância para remoção de paciente em estado grave, são direitos dos associados através da Caixa de Pecúlio (onde o associado paga uma taxa a mais para ter direitos a esses serviços) que são da Cooperativa.



Figura 3: Centro de Assistência Médica (FALTA A FIGURA) **Fonte:** Coopetreze

A COOPERTREZE comprou mais outras áreas perfazendo um total de 7.010,5 tarefas (2.124 hectares) para assentar o número crescente de colonos. Também novas casas, novas cisternas e depósitos foram construídos para garantir a infraestrutura mínima e necessária ao assentamento do homem ao solo. Novos produtos foram introduzidos como o maracujá, mamão e abacaxi, adaptados ao solo do Treze. A Colônia, desabitada por falta de pessoas que acreditassem no potencial do solo, passou a ser uma área tão importante para a economia de Lagarto que se tornou uma área urbanizada e que pretende ser cidade.

Nos anos 80, a Cooperativa já dava sinais de uma crise, segundo Fernanda Virginia Klming:

“Nos primeiros anos da década de 1980 a COOPERTREZE já apresentava indicativo de crise, a mudança no modelo de acumulação acelerou cada vez mais a situação. Ao colorarem toda a propriedade para produção da laranja os pequenos produtores associados diante das questões políticas da COOPERTREZE ficavam cada vez mais subordinados ao mercado, apresentado nos dias atuais uma acentuada situação de pobreza.” (2005)

Além disso, o padrão tecnológico difundido não se adéqua as necessidades da agricultura familiar, pois o processo não atende aos pequenos e sim aos grandes. Algumas das dificuldades dos pequenos agricultores são: terras limitadas para o uso da máquina, possuem as piores terras, não têm recursos para investimento e é dotada de mão de obra numerosa, além de, terem dificuldades com o crédito, pesquisa e a extensão rural. Outro aspecto a destacar é o declínio da COOPERTREZE, pois o cooperativismo no Brasil em toda sua história sempre esteve de acordo com a política estabelecida pelo Estado. Olhando para história da forma como o Brasil utilizou a Cooperativa funcionando como substituto da poupança do Estado no desenvolvimento de crédito brasileiro representava a forma da não aplicação das finanças públicas. Quando o Estado fez uma reforma Bancária e decidiu por não ajudar as cooperativas, passando para os bancos estatais e privados a responsabilidade das dívidas, que já se acumulavam em grandes quantias.



Figura4:Gerência do Sr. Erasmo

Fonte: Coopetreze

Além desses fatores que contribuíram para falência da Colônia Treze, há também:

- a) salários altos dos funcionários da Cooperativa, b) a produção de fumo começou a dar prejuízo, c) inflação alta nos anos 80 no Brasil, d) os bancos não renegociavam as dívidas, e) crises nas cooperativas do Brasil, f) falta de administradores que se preocupassem com a coletividade, g) começaram a vender o patrimônio para pagar indenização de funcionários, h) o povo perdeu a confiança na Cooperativa e começou a desfalecer, i) os gestores não perceberam as mudanças econômicas e políticas do Brasil, j) os habitantes do Treze já agiam como zona urbana e não como zona rural, l) os agricultores não tinham a mesma necessidade da fundação da Cooperativa, já estavam bem estruturados economicamente e socialmente.

A Cooperativa surgiu em 1962, no início só com a produção de fumo e depois diversificando a produção, além disso, o merecimento da comunidade agrícola do Povoado Treze, como exemplo de unidade e cooperativismo á nível nacional e internacional. Podemos dizer que se tornou para Lagarto uma região produtora de riquezas, gerando empregos e se tornando um importante povoado. Mas, nos anos 80, a cooperativa entrou em crise e a COOPERTREZE nunca mais saiu dela, a cada ano vai piorando sua situação financeira. Hoje praticamente não tem atuação no cooperado do Treze, pois está muito endividada.

No Brasil, as políticas de crédito subsidiado passaram por transformações durante a década de 80, contribuindo para que as cooperativas agrícolas passassem bruscamente de um cenário de prosperidade a um de crise. Outro aspecto e que o financiamento agrícola sofreu mudanças importantes durante essa década, além disso, o que fora construído de crédito rural criado na década de 60 foi desativado durante os anos 80. Os créditos de investimento e

custeio entraram em colapso já em 1979/80. A crise do crédito rural atingiu seu auge em 1989, devido à redução gradativa das taxas de juros subsidiadas. O problema maior desta mudança de direção foi que com os diversos planos de estabilização, subestimava-se a correção dos preços mínimos com o objetivo de tentar controlar a inflação, enquanto as taxas de juros se elevavam. Não é difícil imaginar a situação de produtores e cooperativas agrícolas com esta conjugação de fatos.

Djalma salienta que o cooperativismo no mundo aponta que os fechamentos de muitas cooperativas estão relacionados a alguns problemas, como: modelo de gestão, planejamento estratégico e estrutura organizacional. (Djalma, Manual de Gestão das Cooperativas, pag. 27). Podemos apontar algumas perspectivas para o futuro que as cooperativas têm desenvolvido, estratégicas para enfrentar a competitividade e a crise tais com: o incremento do nível de cooperação entre pessoas, grupos, atividades e regiões; ampliação e fortalecimento do nível de concorrência entre as empresas e as cooperativas, enfatizadas pela criação de vantagens competitivas reais, sustentadas e duradoras; as cooperativas precisam ter um conjunto de pontos fortes que proporcione toda a sustentação para que suas vantagens efetivas, estruturas organizacionais nas cooperativas cada vez mais enxutas e o aumento de fusão de cooperativas.

O objetivo dessas fusões é que elas estão auto cooperando para alavancar necessidades mútuas, como também compartilhando riscos para alcançar um conjunto de objetivos comuns e compartilhados. Ademais, ela poderá ter acesso a muito mais recursos tecnológicos, financeiros, comerciais e humanos do que atuando sozinha.

Dentro do modelo de gestão, esses são problemas que contribuem para o fechamento da cooperativa: a) falta ou esquecimento da educação cooperativista por parte dos cooperados, b) falta de cooperação entre as cooperativas quanto as suas atividades e seus negócios, c) inexistência de adequados modelos de gestão nas cooperativas, d) modelo de gestão muito centralizada e) não saber trabalhar, adequadamente, com a concorrência.

O autor, Djalma de Pinho, no seu livro Manual de Gestão das Cooperativas, aponta um modelo de gestão eficiente para as cooperativas. Para ele:

“as cooperativas o modelo pode ser conceituado como processo estruturado, interativo e consolidado de desenvolver e operacionalizar as atividades de planejamento, organização, direção e avaliação dos resultados visando ao crescimento e ao desenvolvimento da cooperativa”. (PINHO, 2011, p. 42)

O próprio Djalma conceitua o modelo como uma representação abstrata e simplificada de uma realidade de cooperativa em seu todo ou de suas partes. Já a gestão ele aponta como um processo interativo de desenvolver e operacionalizar as atividades de planejamento, organização, direção e avaliação dos resultados da cooperativa. (PINHO, p. 41). Isso acontece porque as cooperativas são levadas a atualizar seus modelos de gestão porque a atual economia de mercado tem influenciado a utilizar modernos instrumentos de administração.

Esse surgimento da Colônia Treze e Coopertreze explicada nesse texto visa situar o leitor no objeto da nossa pesquisa. Já no Tópico posterior iremos discutir o surgimento do cooperativismo e seus objetivos, fundamentos e as soluções para agricultura.

3. O que é cooperativismo?

Diante da concentração de renda e da falta de uma política específica para o pequeno agricultor, o cooperativismo tem sido um instrumento possível de nos conduzir à reflexão de seu significado para sobrevivência da pequena propriedade agrícola frente às adversas condições concorrentes.

As mais antigas cooperativas de que se têm conhecimento são: a cooperativa dos estaleiros que surgiu pelo movimento operário de trabalhadores empregados nos Woolwinch e Chathan, na Inglaterra (1776), cooperativa de consumo de tecelões de Fenwich, na Escócia (1769), e cooperativa de consumo inglesa, a Oldhan Co-operative Supply Company (1795). Depois desse período foi se espalhando pela Europa, França, Alemanha e em outros países.

Na aldeia de Pobros de Rochdale, Inglaterra, por meio de Robert Owen que deu exemplos de humanidade e coletivismo, a cooperativa teve como objetivo proporcionar desenvolvimento e a geração de uma Cooperativa de Consumo. Nesta comunidade, no dia 21 de dezembro 1844, nascia uma Cooperativa com princípios morais e a conduta que são considerados até hoje. Já em 1848, a Sociedade de Pablos tinha 140 membros e doze anos com 5.300 sócios com o capital de 152 mil libras. Essa Cooperativa foi bastante exitosa por serem considerados os inventores modernos dos meios da distribuição cooperativa dos bens de consumo. O sucesso de Rochdale inspirou o movimento de cooperativismo pelo mundo, divulgando os valores: solidariedade, igualdade, fraternidade, democracia, equidade, responsabilidade social, transparência e os princípios da adesão livre e voluntária, controle democrático pelos sócios, participação econômica dos sócios, autonomia e independência, educação, treinamento e informação, cooperação entre outras cooperativas, preocupação com a comunidade.

Podemos destacar, segundo Silva filho (2001), o sucesso do cooperativismo e o surgimento de cooperativas pelo mundo deve-se ao êxito da cooperativa Rochdale. Esse modelo que se espalhou rápido tentou gerar um movimento de cooperativo reformista e não revolucionário. O que de fato pode se definir como uma alternativa dentro do sistema e não mais como uma alternativa ao sistema capitalista. Com isso, trouxe uma consequência que foi a separação entre o movimento cooperativo do movimento sindical, constituindo num movimento interclassista e a constituição de cooperativas especializadas.

No Paraguai, o cooperativismo teve seu início no ano de 1940, fundando a primeira cooperativa Vitivinícola, depois que o estado promulgou a base legal, dando nome de cooperativa Agro-Industria Ideal Limitada de Paraguay. No Uruguai a primeira cooperativa

foi de consumo, fundada em 1889 por Candido Robino, tendo sua sede em armazéns na cidade de Montevideú. Mas, a ideia de cooperativa chegou ao Uruguai no século passado com a imigração de europeus. Outro país sul-americano que chegou, na mesma época foi a Argentina, fundando a cooperativa El Progreso Agrícola de Pigué, em 1889, localizada ao sul da província de Buenos Aires. As cooperativas agropecuárias têm se destacado dentro do movimento de cooperativismo argentino em geral.

No Brasil e como no Paraguai, os jesuítas fundaram as primeiras reduções em 1610, constitui os primeiros elementos genealógicos em formação de um modelo de cooperativa, embora sendo limitado, quando se comparado com o cooperativismo atual. Mas, estava fundamentada no cooperativismo coletivo. Já em 1847, o médico francês Jean Maurice Faivre juntamente com outros europeus, fundou no interior do Paraná a Colônia Tereza Cristina, com isso organizando a base do cooperativismo no Brasil.

O Cooperativismo chegou definitivamente ao Brasil em 1889, na cidade de Ouro Preto (MG), com a criação da primeira cooperativa de consumo de que se tem registro, denominada Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto. Depois do sucesso da cooperativa, espalhou-se por todo Brasil, além de avançar em Minas Gerais, alcançou outros estados como Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul.

No Brasil, podemos destacar um exemplo de Cooperativismo no Rio Grande do Sul, com surgimento de cooperativas rurais que ganharam impulso a partir de 2006, fundado geralmente por imigrantes de origem alemã e italiana, eles trouxeram de seus países a cultura do trabalho associativo e experiências em atividades familiares comunitárias, que os motivaram a organizarem-se em cooperativas.

Já em Sergipe surgiu em 1940, por meio da criação de programa de governo, concedendo meios financeiros para criação de Cooperativas, mas não dispendo de capacitação e suporte como lidar com crises econômicas que poderiam surgir a qualquer momento. No ano de 1971, foi criada A Lei 5.5764 que disciplinou a criação de cooperativas, porém restringiu a autonomia dos associados, interferindo na criação, funcionamento e fiscalização do empreendimento cooperativo. Na constituição 1988 foi superada a limitação que proibiu a interferência do Estado nas associações, dando início à autogestão do cooperativismo.

Para ajudar a cooperativa foi criado em 02 de dezembro de 1969 a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) com a tarefa de representar e defender os interesses do cooperativismo no Brasil. A Organização foi registrada em cartório um ano após sua criação

sendo caracterizada como Sociedade civil, sem fins lucrativos, com neutralidade política e religiosa.

Em Lagarto, surgiu a Cooperativa, a Coopertreze, sociedade cujo capital era formado e tinha por finalidade de somar esforços para atingir objetivos comuns que beneficiem a todos, que pudessem prosperar e sobressair dos problemas climáticos e financeiros que caíram no povoado Treze.

Apesar de vários autores atribuírem que cooperativismos podem ser encontrados em sociedades bastante remotas, como disse Klaes (2005), como uma sociedade feudal ou ainda muito antiga como a sociedade grega e romana, no entanto querendo mostrar que o cooperativismo é antigo e natural. Além disso, citam os exemplos da formiga e das abelhas como símbolos de associativismo e que são conhecidas por seus admiráveis exemplos de defesa e apoio mútuo, tanto na paz como na guerra. Mas, outro autor como Normorando (2005), afirma que o cooperativismo nasceu no movimento operário como uma expressão da cooperação entre os homens. Para ele as cooperativas são organizações movidas pelo impulso da cooperação, principalmente nos momentos de dificuldades utilizam como condições para a sobrevivência da espécie.

Mas, o cooperativismo como doutrina, teoria, sistema ou movimento de trabalhadores, é um fenômeno moderno oriundo da oposição operária as imposições do imperialismo econômico praticado na Inglaterra e na França dos séculos XVIII e XIX.

No sentido mais simples de explicar que cooperativismo, é um agir coletivo com os outros, trabalhando juntos em busca do mesmo objetivo. A pessoa que pratica a cooperação é de mentalidade aberta, flexível, participativa, humana e solidária. O cooperativismo é uma doutrina cultural e socioeconômica, fundamentada na liberdade humana e nos princípios cooperativos. Dentro dos seus princípios está à busca pelo resultado econômico, o desenvolvimento social e com isso possibilitando melhora na qualidade de vida.

Muito se confunde entre associações e cooperativas, mas existe uma diferença essencial, principalmente de natureza do processo. Enquanto que aquela tem por finalidade a promoção de assistência social, educacional, cultural, representação política, defesa de interesses de classes, esta, por sua vez, tem por finalidade essencialmente econômica e seu principal objetivo é viabilizar negócio produtivo do mercado.

Quando alguém se filia a uma cooperativa, deve cumprir alguns critérios de adesão. Primeiramente a adesão é voluntária e livre, mas é preciso conhecer bem os direitos e deveres dos associados. O segundo critério é a Gestão Democrática, a cooperativa é administrada conforme a vontade dos associados porque são eles que elegem os diretores e conselheiros

com igualdade de voto. O terceiro critério é da participação econômica dos associados para o andamento da cooperativa contribuindo equitativamente um valor para o caixa, criando, assim, uma reserva de capital. Já o quarto princípio é autonomia e independência, pois são empreendimentos autônomos, controlados por seus associados, que devem decidir sobre suas atividades, definir sua missão, objetivos e metas. Não há interferências governamentais nas decisões.

O quinto critério está na educação, formação e informação, este princípio baseia-se no desenvolvimento cultural e profissional do associado e sua família. A formação, a capacitação e a constante requalificação de associados, diretores, conselheiros, líderes e funcionários. A penúltima regra a da cooperação entre cooperativas, isso porque na era globalizada, integração é a chave do sucesso. Elas só serão eficientes se agregarem qualidade, produtividade e economia da escola nos serviços. O último critério é o interesse pela comunidade, isso mostra que as cooperativas contribuem para o desenvolvimento da comunidade com a geração de empregos, produção, serviços e preservação do meio ambiente.

Quando algumas pessoas decidem fundar uma Cooperativa baseiam-se nos valores de ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Além disso, o Cooperativismo fundamenta-se nos valores éticos de honestidade, transparência, responsabilidade social e preservação do ambiente para o desenvolvimento sustentável.

Na elaboração do estatuto é definida a área de atuação que pode ser de um ou mais municípios. Claro que isso dependerá de um estudo de viabilidade econômica e social. Quanto à estrutura é baseada na produção, serviços e resultados econômicos viáveis. Os entrepostos geralmente são administrados por um gerente, profissionais responsáveis e de confiança da diretoria. Para conceituar melhor a cooperativa, veja a definição:

“Cooperativa é uma organização de pessoas unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns a todos, cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras áreas.”
(X Congresso Brasileiro de Cooperativismo, pág. 2).

Sabe-se que a cooperativa é uma prestadora de serviços, é natural que os associados definam e aprovelem suas metas com base nas necessidades e com um estudo de viabilidade econômica. São vários os ramos de atuação do Cooperativismo: habitação, turismo e lazer, agropecuária, especial, produção, transporte, infraestrutura, mineral, educacional, consumo, trabalho e crédito.

“Cooperação supõe necessariamente a liberdade de trabalhar em comunidade. Assim, a cooperação possui duas condições importantes imprescindíveis: liberdade e comunidade; trabalho livre e grupal. Igualmente se opõe à competição e concorrência... concebe-se a cooperativa, então, como associação e empresa, com base na cooperação. Associação porque constitui uma associação de pessoas, que trabalham juntas, livremente e no mesmo objetivo. Empresa porque representa a conjugação dos fatores de produção: trabalho, capital, administração, tecnologia e natureza... Destaca-se as duas dimensões caracterizadoras da cooperativa: econômico e social. Se faltar uma já não é cooperativa.” (LIMBERGER, apud MAIA, 1985, p. 12)

Diante disso, o associado tem na cooperativa a garantia certa de vender sua produção pelo custo real, sem atravessador que paga os custos baixos e mantém escravo o produtor, e recebendo o pagamento imediato. Com isso, o produtor aumenta sua renda, usufruto direto do trabalho, porquanto as cooperativas não visam obter lucro, no sentido capitalista, as sobras geradas por todos os associados são repartidas entre os mesmos, por intermédio do mecanismo de retorno. As cooperativas são uma sociedade cujos donos são os próprios produtores, administrada por um grupo de representantes, eliminando conseqüentemente a relação empregado/empregador e outros mecanismos de dominação. O autor Bougardus mostra que as cooperativas não possuem independência absoluta. Sua autonomia funciona dentro das leis nacionais e internacionais.

Além disso, todos os associados na cooperativa aprendem sobre a importância da participação, sua opinião é de fundamental importância para desenvolvimento da comunidade. As cooperativas constituem base para se desenvolver a participação, para as classes oprimidas se desenvolverem na busca dos seus direitos, ao mesmo tempo em que propiciam a aprendizagem do exercício do poder. Pode-se observar que um dos fatores essenciais do desenvolvimento é a participação da população nos processos de produção e da elaboração e participação de tomadas de decisões, amplamente discutidas. Isso mostra que a participação na cooperativa tem duplo sentido: passivo e receptivo, quando diz respeito ao acesso a utilização de bens, serviços e oportunidades sociais; e ativo ou contributivo, quando se refere à possibilidade de definir a natureza das decisões e operações sociais.

Explica-se melhor como participação contributiva, quando um associado opina, decide, em nível de sua organização, sobre as condições de sua vida, descobrindo os seus próprios caminhos de libertação. Mas, essa participação de fato se dá quando o associado reconhece o seu valor no grupo, na sociedade, conhece a sua problemática e lutas. Para Paulo Freire:

“quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio; seu eu e suas circunstâncias”. (FREIRE, 1979. p. 30).

Vimos no decorrer desta pesquisa que a participação dentro de uma cooperativa traz ao agricultor uma estabilidade econômica, pois o seu produto tem garantia de venda por um preço justo. Além disso, sua participação nas atividades tem buscado atingir um desenvolvimento social. Entende-se por desenvolvimento social não só os aspectos para sua sobrevivência como: trabalho, alimentação, habitação e outras, mas a sua participação no contexto, a compreensão da realidade, a busca de seus direitos e a conquista de seus interesses objetivos, num confronto com as classes dominantes.

Diante do exposto, ou seja, depois que os agricultores da Colônia Treze criaram a cooperativa agrícola Coopertreze, o povoado não foi mais mesmo, tanto economicamente como socialmente. Economicamente é visível o desenvolvimento que o povoado alcançou em relação aos outros. Nas questões sociais, é um povo mais participativo nas decisões da comunidade e na da cidade de Lagarto. Eles levaram a fundo o conceito para OCB (Organização Cooperativa do Brasil) a Cooperativa é como uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida. No Brasil, Cooperativa é uma sociedade de, pelo menos, vinte pessoas físicas, unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns, cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras sociedades.

A sociedade brasileira busca por soluções que visam à formação de empresas com o mínimo capital possível e que beneficie um grupo maior de pessoas ao invés de uma minoria têm sido uma constante. O cooperativismo é a melhor solução, nos últimos anos têm se expandido no Brasil, oferecendo uma boa alternativa para essa necessidade. Esse avanço mostrado pelo sistema OCB “hoje representa mais de 6.600 cooperativas em todo país com cerca de 9 milhões de associados abrangendo 13 ramos do cooperativismo, com atuação nas comunidades próximas gerando trabalho, renda e promoção social, através da participação democrática, solidariedade, independência e autonomia”.

Com esse parágrafo explicamos como os agricultores podem organizar-se através das cooperativas e poder ter uma melhor qualidade de vida ajudando combater a desigualdade social. Além disso, explicar o conceito de cooperativismo e seu surgimento no mundo, Brasil e Sergipe. No próximo, trataremos como se procedeu a fixação do homem na Colônia e o uso da terra, além de quem foi Antônio Martins e a metodologia utilizada para construir esse trabalho.

4. Fixação dos colonos na Colônia Agrícola Treze

4.1. Metodologia utilizada no trabalho

Esse trabalho usou algumas metodologias, entre elas, a história oral, devido à falta de material escrito para explicar o caráter antropológico da formação do Treze. Para superar essa escassez damos voz àqueles que participaram da história da comunidade. A história oral é fundamental para resgatar e que haja de formação da identidade cultural de cada povo ou comunidade, buscando o relato principalmente os considerados excluídos. Podemos observar que o renomado autor consagrado, Alberto Lins Caldas, diz:

“Daí a razão de ser a história oral, antes de tudo, perspectiva política, um chegar-se ao ser social dos homens Vivos, aos seus problemas antes e como condição de uma reflexão, de uma práxis mais atuante, mais complexa e vasta.” (CALDAS, 1999, p. 125).

A História resgata o valor da memória, esquecida pelos documentos escritos aos estudiosos, tem possibilidade de tirar do silêncio os sujeitos desfavorecidos pela história oficial. A autora Aspásia Camargo explica com precisão:

“É obvio que os esquecidos são objetos importantes da história oral. Não há dúvida sobre isto, tem os inúmeros exemplos de estudos e informações relevantes que surgiram dessa abordagem, dessa pesquisa. Mas o que queríamos sublinhar aqui é que o que fez essa metodologia tão boa para discutir o esquecido não é simplesmente uma opção preferencial pelo esquecido, pelo derrotado. Não. É porque o derrotado, por ser derrotado, não constrói as suas fontes, e por tanto é submetida a uma espécie de pacto de sigilo.” (CAMARGO, 1994, p. 75).

E por falar em memória, é bom explicar que essa história oral se dá com a reconstrução dessa memória, de acordo com o Eclea Bosi. A autora mostra a forma como o sujeito pode reconstruir esse passado, por isso, tem uma função prática de limitar a indeterminação e levando o sujeito a reproduzir formas de comportamento que no passado deram certo. Além disso, a memória é uma reserva, é crescente a cada instante e que dispõe de totalidade da nossa experiência adquirida. Essa história oral será feita por uma lembrança que é uma sobrevivência do passado, passado esse conservado dentro do espírito de cada ser humano, aforando à consciência quando necessitado na forma de imagens-lembrança.

A memória para Maurice Halbwachs é retratada por Eclea Bosi:

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. A lembrança é uma construída pelas matérias que estão, agora, a nossa disposição, o conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual.” (BOSI, 1979, p. 55).

O ato de lembrar um fato antigo não é mesma coisa que experimentado na infância, porque não somos mais os mesmos e nossa percepção alterou-se com novas ideias que adquirimos de nossos juízos de realidade e valor. Eclea analisa claramente que isso fica mais claro quando um adulto ativo não observa prioritariamente com o passado, mas quando o faz, é como se fosse em forma de sonho. Podemos chegar a conclusão que é a vida prática, memória e fuga, arte, lazer, contemplação. Já o velho já viveu sua vida. Segundo Eclea:

“Ao lembrar do passado ele não está descansando, por instante, das lides cotidianas, não está entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. Há momento em que o homem deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A ser memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade.” (BOSI, 1979, p. 63).

Uma boa parte dos fatos desse trabalho é feito por entrevistas de pessoas mais velhas que falam como se estivessem vivendo, naquele tempo, ainda. Uma lembrança que o faz com prazer e emoção, e muitas querendo que esse passado voltasse, mas simplesmente são lembranças que viraram histórias de vidas. Esse trabalho foi construído com apoio de documentos guardados por algumas pessoas e outros fornecidos pelo acervo histórico da cooperativa.

As pesquisadoras Verson e Pedro (2012), mostraram que a memória constitui o arsenal teórico dos dois campos de saber que muito dialogam: História e Antropologia. Claro que o trabalho irá tratar a memória por essas duas áreas disciplinares, seus usos e apropriações, seus jogos com as categorias identidade e subjetividade. Além de entendermos um pouco de história oral e etnografia da memória.

As autoras do artigo usaram teorias foucaultiana, que sugere a investigação dos discursos que deram visibilidade à certa prática. O discurso aqui como prática que determina os objetivos, afinal as coisas não existem fora da prática. Para Verson e Pedro (2012), o que se entende por memória é que ela é usada como fonte de conhecimento produzido, são práticas datadas e dimensionadas por relações de poder. Além disso, o ato de rememorar se configura dentro de uma relação de poder, pois se tem a função de poder quem pergunta e quem responde e o tratamento que o historiador e o antropólogo decidem dar à memória. Elas

buscaram em Foucault a teoria com os *modos de subjetividade* – no sentido do processo de força com a relação a si, baseada nesse conceito a si, se diz que a memória é uma invenção.

Isso porque rememoração é sempre um processo de subjetivação, de positivação, de refazer e de criação. A intenção das autoras é procurar nos processos de rememoração uma relação e não descobrir neles um fundamento, mas tomar as memórias como positividade, tratando-as como um acontecimento. Esse encontro com o sujeito que rememora produz uma prática/discurso como acontecimento, ou seja, o que o sujeito fala, produzindo um discurso. A entrevista é a técnica que traz essa produção e a significação da memória usando a oralidade para expressar o discurso. Isso é usado pela antropologia, interpretando as culturas. A antropologia usa uma ferramenta, a etnografia como metodologia descritiva e analítica por praticante da antropologia cultural, consiste na observação participante, ou seja, reproduzindo a oralidade e a observação dos atos. A etnografia usa o roteiro de perguntas e respostas.

Pode-se observar que o conhecimento histórico ocidental, como os gregos Heródoto e Tucídotes que têm oralidade como sua ferramenta e fonte, no século XVI e firmou-se a exigência de uma história ainda coroada em provas documentais. Mas, essa exigência tem sido contestada desde o final da década de 1920. Os historiadores anunciaram como umas escolas de abordagem interdisciplinar acabaram explorando teorias e conceitos da história para diversas áreas. Essa teoria abre espaço para formular a possibilidade de pensar em novas formas, na possibilidade, de pensar novas fontes para história, para além de fontes documentais/escritas, abrindo espaço para o retorno da oralidade e da narrativa. Essa ultrapassou o campo específico da antropologia usando a história oral.

Um aspecto interessante é que a entrevista é uma relação de poder: o pesquisador diz o que as palavras significam, as perguntas que são feitas e o que vai escrever.

4.2. Quem foi Antônio Martins de Menezes

O donatário das terras da Colônia Treze, o Senhor Antônio Martins de Menezes, nasceu em 28 de agosto de 1913, no povoado Itaperinha, pertencente a Lagarto. Os seus pais eram Porfírio Martins Menezes e Eduvirgens Josefa de Araújo. Ele nunca se casou, mas de alguns relacionamentos nasceram filhos. No ano de 1948, elege-se vereador pelo partido da União Democrática Nacional (UDN), tornando-se presidente da Câmara Municipal. Neste ano o Prefeito era Alfredo Prata. Já em 1959, ele foi eleito prefeito de Lagarto, fazendo muitas obras públicas, entre elas trouxe a energia elétrica para o município.



Figura 5: Foto de Antônio Martin

Fonte: Coopertreze

Possuía um espírito empreendedor, sempre não estava satisfeito com as suas realizações. No ano de 1950, fundou a Colônia Treze antes uma área inabitada e inóspita, um desafio para encontrar agricultores que quisessem ir para aquela região. Mas, Antônio já desde 1948, tinha parte da terra e depois comprou a outra parte da área que é o Treze hoje.

O seu interesse possivelmente em colonizar a região era para ampliar a plantação fumageira, pois era comprador de fumo e tinha um depósito no povoado Sobrado, que fica a poucos quilômetros do Treze. Em documentos e depoimentos levantados acerca do senhor Martins entende-se que este queria ampliar os negócios, tendo uma área vasta a sua frente sem uso. Mesmo tendo uma versão passada por alguns colonos a de que ele doou essas terras por ter um bom coração, as evidências mostram, no entanto, que ele tinha interesse também econômico. O autor Wellington Santana, deixa bem claro no seu livro “Memorial Coopertreze, 20 anos de História”:

“Apesar de comerciante, o Sr. Antônio Martins de Menezes tinha um coração bom. E para trabalhar na terra recém-adquirida, convidou alguns agricultores e lhes emprestou sem ônus, as glebas antecipadamente divididas para o plantio de fumo. O único compromisso dos comodatários era de vender o produto final ao comandante.” (SANTANA, W. 1982, p. 12).

Outro fato relevante, é que naquela época os compradores de fumo tinham uma grande parte dos seus vendedores cativos, por financiar os agricultores na produção. Surgiam poucos vendedores novos, independentes. Então, uma forma de ampliar os negócios é investindo em novas áreas de produção. Essas são evidências claras que não só foi por bondade, a colonização do Treze. Vejamos outro depoimento, de seu Juarez Justiliano Ramos, na monografia de conclusão de curso de Maria José Lopes Santana:

“Os produtores da colônia vendiam o seu fumo ao Sr. Antônio Martins que tinha prioridade na região por ser o idealizador, porém era vendido a outros comerciantes de acordo com o consentimento do Sr. Martins.” (SANTANA, M. J. L. 2002, p. 77).

Claro, que todos esses elementos levantados sobre a sua doação de terras, tem também o caráter econômico. Mas, isso não tira o mérito de ele ser um empreendedor e ter investido no Treze, mesmo depois de vários fracassos na colonização. Evidente, que ele ganhou dinheiro na compra do fumo dos colonos, como também perdeu dinheiro em alguns anos, como no ano de 1953, em que uma praga de lagartas destruiu a lavoura de fumo e que destruiu uma roça em poucas horas. Em 1956, outro fato foi o excesso de produção (questionados por muitos autores e colonos que não existiu), mas o “Livro Coopertreze” confirma que o fator principal do endividamento de Antônio Martins e da consequente venda da propriedade do Treze. O último fato foram as chuvas torrenciais de 1962, veio a destruir novamente o sonho de desenvolvimento e prosperidade da colônia.

Além da doação do Treze, Antônio Martins em 1969, comprou terras abandonadas e consideradas imprestáveis nas regiões da Estancinha, Várzea do Espinho, Manuel Afonso e Brasília, todas estas dentro da região de Lagarto. Abriu uma estrada de 11 km de extensão com recursos próprios que dá acesso a essas áreas até a sede do município. Esta estrada está asfaltada hoje e dá acesso ao município de Itaporanga D’Ajuda. Ele ainda comprou e doou terras em Rio Real no Estado da Bahia. É bom salientar que nas doações dos lotes dessas novas regiões, para que os lotes doados prosperassem em produção de fumo, tinham que vender a ele. Isso era exigido no início da colonização, mas com surgimento da Cooperativa foi retirado. O Sr. Juarez afirma que muitos colonos viam como algo normal, por fazer parte da cultura da época, sem contar que tinham poucos compradores naquele momento.



Figura 6. Antônio Martins de Menezes na Feira

Fonte: [http:// www.lagartense.com.br/19969/colonia-treze](http://www.lagartense.com.br/19969/colonia-treze)

O fundador da Colônia Treze faleceu esquecido, principalmente pelo Treze, no dia 02 de fevereiro de 1995. No dia 28 de agosto de 2013, foi inaugurada uma imagem dele na Colônia Treze em comemoração aos seus 100 anos de nascimento.

O empreendedor Martins foi responsável pelo desenvolvimento de diversas regiões de Lagarto, principalmente a Colônia Agrícola do Treze. Como diz seu filho Antônio Martins Filho no depoimento à Maria José:

“O desejo de meu pai era que a Colônia Treze fosse uma colônia agrícola e que todo colono tivesse o seu pedaço de terra, que viesse a manter a sua família. Mas, infelizmente a gente não pode ditar os destinos de uma comunidade de uma região. Não vejo hoje, relação com o intento do meu pai a atual Colônia Treze. Pois hoje ela não é o que ele desejou que fosse.” (SANTANA, M. J. L. 2002, p. 63).

Ele foi vereador nos anos 1950, quando chegou a ser Presidente da Câmara, Prefeito de 1958 a 1962. E vice do Prefeito Artur de Oliveira Reis de 1983 a 1989. Mas, ele sempre teve uma postura de independência, mesmo ligado a um grupo político.

4.3. Colonização da região

No início da formação da Colônia Treze, os pequenos agricultores utilizavam a mão de obra familiar como sistema de ajuda mútua para facilitar a produção agrícola, pois não podiam pagar mão de obra assalariada. Isso foi marcante no período dos anos 50 a 60 conforme os depoimentos obtidos.

A forma como foi adotada a distribuição da terra, obedeceu aos padrões do INCRA, que estabelecia uma extensão mínima de terra a ser doada e esta era superior a 10 tarefas, extensão adotada no Treze. Dessa forma, Antônio Martins teve que trazer para fixar na terra pessoas que tivessem melhores condições financeiras, porque se precisava de recursos financeiros para a região cheia de árvores. Além disso, outro fato relevante é que o solo era

infértil por ser composto de tabuleiros costeiros, e pela acidez que este provoca no solo. Diante disso, os colonos precisaram de muitos recursos financeiros para se estabelecer no local.

Os agricultores que receberam a terra fizeram um esforço para que a colonização desse certo, canalizando esforços para que a produção do fumo crescesse na região, utilizando a mão de obra familiar, onde os excedentes eram comercializados nas redondezas. O cultivo do fumo é uma atividade onerosa e requer muita mão de obra, por isso a ajuda mútua foi largamente utilizada pelos produtores, como estratégia de ampliação de sua área de cultivo e consequentemente para obterem maiores lucros. Prática essa que consistia na simples troca de dias de trabalho, o que funcionava da seguinte maneira: todos os produtores possuíam certos chamados “sócios”, estes também produtores rurais do Treze. Cada sócio responsabilizava-se por fornecer um dia na semana ao outro sócio e assim respectivamente. Deste modo, esses pequenos agricultores montaram uma estratégia de produção fumageira, naquela época fez a diferença em relação às outras comunidades existentes na região de Lagarto.



Figura 7. Casa padrão da época

Fonte: [http:// www.lagartense.com.br/19969/colonia-treze](http://www.lagartense.com.br/19969/colonia-treze)

Um aspecto que os entrevistados revelaram como consequência do método de ajuda mútua, foi o aumento da produção da Colônia em relação às outras comunidades, e principalmente desenvolveu entre eles um sentimento de unidade, que os identificavam como uma grande família. Esse método evidenciou um alto grau de “organicidade” que estes alcançaram como pequenos produtores rurais.

O Senhor João Balbino, agricultor do início da colonização em 1952, relembra:

“Ah aqueles anos como difíceis, onde não se tinha ajuda de ninguém, recurso nenhum, nem roupa para vestir, só a mamona para adubar a terra. Só tínhamos o companheirismo dos outros moradores como ajuda.”
(BALBINO: 2014)

O sistema de ajuda mútua, a princípio como sobrevivência, evolui posteriormente para cooperativa no ano 1962, como grande responsável pelo desenvolvimento rápido daquela região. A consequência foi o aumento da produtividade da sua principal atividade econômica, o fumo.

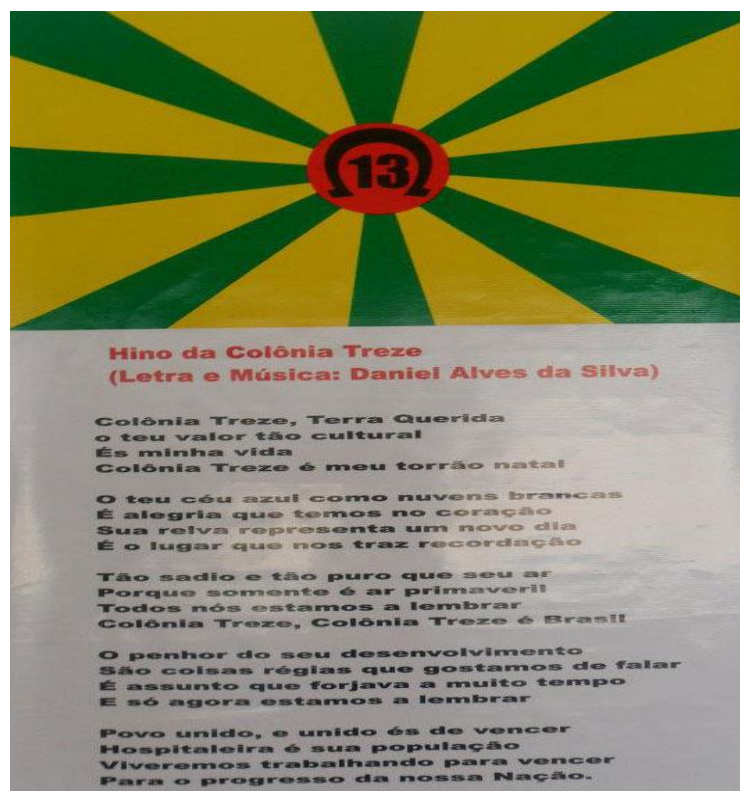


Figura 8: Bandeira e Hino da Colônia Treze

Fonte: <http://www.lgartense.com.br/biblioteca/downloads>

No período de 1960, quando foram doadas terras a aproximadamente 80 agricultores sem terra, agraciados com lote de 10 tarefas cada, Antônio Martins tentou fazer um tipo de reforma agrária aqui, mas não deu certo, porque teve um dilúvio que destruiu quase todas as casas e entrou em colapso a economia da Colônia. Para o Senhor Balbino, esses novos colonizadores que eram diaristas onde moravam antes, passaram a ser, agora, proprietários de terra e tinham que produzir para comer e vender o excedente para custear as outras necessidades básicas. Nos dois primeiros anos foi promissor porque foi entregue a escritura a cada morador e o Senhor Martins levou os novos proprietários para receber financiamento do Banco do Brasil para construírem novas casas. O dinheiro foi tão pouco que mal deu para

construir as casas, completando a construção com adobo (tijolos de terra crua, água e palha, às vezes).

Os primeiros moradores enfrentaram nesta região diversas dificuldades para se fixarem na terra, desde acomodação para seus familiares até o perigo de contraírem doenças. O início foi difícil, pois não tinham nenhum conforto, poucas estradas de acesso, mata fechada, dividindo espaço com animais selvagens, como onça pintada que habitava aquela região.

Existe uma relação de diferença da primeira etapa de colonos que se estabeleceram nos anos de 1950/53, pois a escolha destes foi ter condições de investir na área doada por Martins. Mesmo assim, Antônio investiu na terra, pois era infértil, precisava de muito investimento. Os pequenos produtores receberam incentivos financeiros por parte de Antônio Martins, como conseguir empréstimo no Banco do Brasil, avalizado por ele. A escolha do fumo como principal cultura foi devido os novos colonos já conhecerem a sua plantação e o incentivo de Martins por ser comerciante de fumo, pois deste modo a comercialização estava garantida. Com isso, os agricultores eram obrigados a vender a produção ao doador da terra, mesmo tendo outros compradores e acabavam ficando endividados.

Até o ano de 1953, a nova colônia foi próspera, mas nesse mesmo ano uma terrível praga de lagarta devorava a folha de fumo, destruindo uma roça em poucas horas. A praga em poucos dias destruiu toda produção de fumo da região. Muitos agricultores abandonaram a região e outros poucos continuaram, mas mudaram de plantação até a praga passar. Essa foi a primeira dificuldade enfrentada pela Colônia Agrícola do Treze ou como muitos chamavam a Colônia de Antônio Martins de Menezes.

Após a praga, a região foi recuperando sua economia com os agricultores que permaneceram na Colônia e voltaram a plantar o fumo e outros que haviam ido embora voltaram e foram adquiridas mais terra e doada a novos colonos. A região voltou a desenvolver de forma expressiva, sempre contando com os incentivos financeiros de Antônio Martins.

Já o ano 1956, foi marcante para a nova colônia, de acordo com o livro “Memorial Coopertreze, p. 12) relata sobre uma superprodução de fumo ocorrida nesse ano, fato esse que motivou o endividamento de Antônio Martins e possivelmente (fato esse contestado pelo filho Antônio Martins Filho) a venda da propriedade do Treze para Antônio Fraga Fontes. Veja o que diz Santana:

“Em 1956, em virtude da inesperada superprodução de fumo, o Sr. Antônio Martins de Menezes sofreu terríveis prejuízos, pois viu obrigado a vender o produto final nos mercados do Norte e Nordeste do Brasil, a preços abaixo do custo. Por essa razão teve que se desfazer de propriedade adquirida em 1954 e retirar os pobres rurícolas da área.” (1982:12)

A Maria José Lopes dos Santos, no seu trabalho de conclusão do curso de história, salienta que na literatura encontrada e nos depoimentos dos colonos, traz revelação que coloca em cheque o motivo da venda da propriedade expressa por Santana. Veja o que diz Maria:

“A respeito da dívida e da venda da propriedade do Treze para Antônio Fraga Fontes. A nova documentação encontrada deixa claro que a venda da propriedade do Treze ocorreu em 1952 e 1953 e não 1956, como afirmou Santana. Quanto a superprodução do fumo se realmente existiu, não foi esse o motivo, que levou Antônio Martins a se desfazer da propriedade do Treze, haja vista, que a mesma há muito já havia sido vendida e os motivos que levaram o proprietário a se desfazer do patrimônio não são conhecidos.” (SANTOS, 2002, p. 36).

Podemos fazer uma análise dos episódios que ocorreram em 1953 e 1956 que ambos podem ter contribuído para o endividamento de Antônio Martins, com a praga na lavoura em 1953, destruindo toda a plantação de fumo na região. Como vimos a plantação teve incentivo dele sendo este o avaliador dos empréstimos dos produtores agrícolas frente ao Banco. O episódio foi à superprodução de 1956, o excesso de fumo foi vendido a um valor muito abaixo do preço de mercado. Ambos possivelmente tenham contribuído para Martins se desfazer da propriedade para pagar as dívidas. Mas, não existe um consenso sobre esse assunto, embora o (Livro Memorial Coopertreze, p 12) fale sobre essa superprodução e outros personagens ouvirem falar dos ocorridos como Ernande e Juarez, ambos moradores da região.

No ano de 1958, o Antônio Martins já eleito prefeito de Lagarto, sempre um político muito independente, compra a propriedade de novo, agora ao Banco do Brasil. Depois de adquirir, parte para uma nova missão que é levantar recursos para região. Buscou junto ao governo Federal a ajuda necessária para Reforma Agrária, fato esse que ocorreu no período do Governo de Jânio Quadros. Nesse período ele doou muitos lotes e vendeu outros. Um dado interessante observado por Santana é que os lotes vendidos tiveram melhor sucesso do que os doados. Os possíveis motivos do sucesso dos lotes comprados foram: recursos financeiros que tiveram para investir e porque os colonos dedicaram-se na produção com muito mais compromisso do que muitos dos doados.

Além das dificuldades encontradas nos anos 50, havia muita mata, falta de recursos financeiros, pragas na lavoura, faltam de técnicas agrícolas, superprodução e entre outros. No ano 1962, a Colônia Treze sofre uma chuva torrencial com fortes ventos, colocando para muitos um fim no sonho da colonização. A região ficou em estado de calamidade pública. Os

moradores perderam todas as lavouras e suas casas foram destruídas, obrigando a muitos abandonarem a região, mas, tiveram outros que permaneceram na esperança que passasse a chuva. Veja o que diz Santana:

“Tudo funcionava perfeitamente bem, com resultado social de grande alcance quando em maio de 1962 uma tempestade que trouxe fortes chuvas com vento, arrasa a região destruindo 85 das 105 casas já construídas, e provocando frustrações das lavouras implantadas. A região entrou em regime de calamidade pública e grande maioria dos flagelados fugiu em virtude do grande débito para com o Banco do Brasil S. A.” (1982:14)

Depois da tempestade que deixou a região em colapso econômico, surge um plano de reconstrução das casas numa arquitetura simples, financiadas pelo Banco do Brasil e depois paga pelos os moradores. Claro, com aqueles que tiveram condições de pagar, e os outros que não tiveram condições foi assumida por Antônio Martins, mas, mesmo depois da chuva, deixou uma sequela para os agricultores que ficaram que foi o solo infértil. Os colonos que plantaram, tiveram que superar mais esse problema, a produção foi pífia. Pois, o solo foi prejudicado depois de 18 meses de inverno rigoroso. Isso porque não teve na época um estudo que comprovasse a fraqueza da terra e as ações para corrigi-la.

Desde sua fundação, a Colônia Agrícola do Treze passou por três catástrofes, sendo duas naturais e uma econômica. Todas elas prejudicaram o seu desenvolvimento econômico e, consequência à fixação dos colonos na terra. Mas, todas foram superadas por abnegados colonos que suportaram essas dificuldades extremas, como as relatadas no presente trabalho, como os obstáculos inóspitos da região, a falta de abastecimento de água. O interessante é que os colonos que passaram por essas dificuldades, aprenderam com o sofrimento, que ajuda mútua é uma saída para os problemas. Ao longo dos anos eles demonstraram um alto grau de solidariedade entre si. Uns dos moradores daquela época, o Sr. João Balbino, confirma que a chuva torrencial ocorreu de fato, já sobre superprodução não confirma e a outra catástrofe foi da praga, por ele confirmada.

Além disso, nessas três etapas difíceis eles abandonaram a produção de fumo e cultivaram a mandioca, o feijão, milho e outros passaram a cortar a lenha e carregar para vender em outras comunidades. Mas, os remanescentes criaram um espírito de cooperação que os levaram a resistir aos intempéries da natureza e às dificuldades econômicas, que ajudaram a colonizar o Treze e a criar a Coopertreze, além de criar uma característica que os diferencia do restante da população lagartense que é a união, pois esta faz a força. Isso é possível pelo amor a terra, porque ela é o meio e o signo da independência e da liberdade do colono. Para o senhor Balbino:

“Sair dali era voltar a ser diarista e não ter perspectiva de dias melhores, e nunca ter mais um pedaço de terra onde possa produzir o que é seu, sem precisar dividir com o dono da propriedade, mas só pagar os empréstimos. Quem sabe no futuro ter uma qualidade de vida melhor para minha família.” (BALBINO: 09/04/2014)

Nas conversas com os colonos mais antigos donos da terra, estes demonstraram um sentimento, principalmente aqueles que passaram pelas crises antes da colonização. Esse sentimento desenvolveu-se a partir de uma relação de dedicação e trabalho com a terra, condição de ligação direta que permitiram aos colonos sentirem-se protegidos, e simbolicamente considerarem-se parentes. A Fernanda Virgínia Kolming, em sua dissertação de mestrado estudando as comunidades próximas ao Treze: Açú, Boa Vista e Alto das Caraíbas, notou o mesmo sentimento encontrado com os antigos colonos da Colônia Treze, que viam a terra como meio de sustentar sua família. Ela diz:

“Nesse sentido, quanto mais velho, maior a simbiose com a terra. Enquanto há terra, há vida, há futuro.” (KOLMING, 2005, p. 91)

Esse envolvimento do colono com a terra, e em acreditar no progresso da colônia e vendo o trabalho como sentido de liberdade e felicidade, prazer e sendo importante para o progresso das crianças. Esse progresso viu-se depois da Coopertreze, porque os pais investiram mais na educação dos seus filhos.

Fazendo uma visita à Colônia Treze nos dias atuais, podemos encontrar uma das últimas testemunhas de sua história, Juarez Justiniano Ramos, 86 anos. O Sr. Juarez confirmou que ser Antônio de Porfírio, foi o responsável pelo surgimento e crescimento da região. “Foi ele, Menezes, o personagem mais importante desta história”.

O Sr. Justiniano resistiu ao “Dilúvio” ficando na colônia, enquanto a maioria foi-se embora, atendendo este à perspectiva de crescimento e valorização da região que Menezes insistia em que acreditasse. Menezes também aconselhou que Justiniano não vendesse a casa e a terra, pois ainda tiraria muito lucro daquela situação de flagelo que se abateu sobre a região após a grande chuva que arrasou a Colônia.

Sobre a pessoa de Antônio de Porfírio, o Sr. Juarez disse que ainda tem gente, mesmo após 50 anos que chora quando ouve falar deste benfeitor. Ele mesmo para nossa surpresa foi até ao seu aposento e em menos de um minuto voltou com o “santinho” da morte de Menezes, como se houvesse colocando-o a mostra, num lugar propositalmente para ser mostrado àquela visita tão rapidamente, o que nos deixou emocionados.

A Colônia Treze ultrapassa segundo o IBGE, os dados coletados pelo ultimo censo de 2010, mas a sua atual população deve girar em torno de 20 mil habitantes. Tendo em disputa

de eventuais candidatos políticos, um eleitorado de também aproximadamente, 12 mil eleitores. Na economia, ainda persiste a força da agricultura (fumo, laranja, mandioca) em sintonia com o crescimento veloz do comércio urbano (lojas, empresas, clínicas). Isso tudo faz o Treze ter um porte de várias cidades de pequeno porte de Sergipe, nem todas as cidades tem uma saudação na entrada e na saída, mas a colônia tem e bem bonita.



Figura9: Foto da entrada do Treze

Fonte: Própria



Figura 10: Foto da Saída do Treze.

Fonte: Própria

Para Ernande Domingos de Oliveira, 65 anos, o padre Almeida um amante da Colônia 13, criou na colônia um bloco de resistência da esquerda. O padre criou grupos de estudos sobre política com vários jovens da comunidade, trazendo o partido do PT da sede para a colônia. Em muitos momentos dos anos 80, o Treze tornou-se um reduto de resistência, aos blocos políticos de Lagarto, mais importante do que a sede do município. Com sua morte, os grupos de estudos quase desapareceram no povoado.

Entretanto, pelo exposto, aparecem também muitos interessados em adotar o povoado como reduto político, baseados no crescimento de uma tese sobre uma possível “emancipação” da Colônia 13, apartando-se da sede do município e transformando-se em cidade.

5. FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO TREZE

Para entendermos como se formou a identidade dos moradores do Treze, devemos pensar em utilizar o conceito de Fredrik Barth sobre a identidade de raça para explicar a formação da Colônia. O que provoca essa construção de identidade coletiva é a fixação de grupo de símbolos identitários que fundam a crença em uma origem comum. É preciso, também, entender o conceito de que a etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de traços culturais (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de condutas, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinária etc.), passado da mesma forma de geração para geração na história do grupo; pelo contrário ela provoca ações e reações entre outros, pertencentes a uma mesma organização social que não cessa de evoluir. Um autor norte-americano, Warner, primeiro autor a usar o termo em seu país, indica que seu entendimento por etnicidade como uma das características que modificam o sistema social e são modificadas por ele, e as outras características são idade, sexo e religião.

Para Brass,

“A comunidade étnica, é uma forma alternativa da organização social de classe, e a etnicidade é uma forma de identificação alternativa da consciência de classe.”
(BRASS, 1991, p.19).

Existia outro entendimento sobre os vínculos étnicos que eram encarados como fontes potenciais de lealdade, concorrendo como nação, com isso impondo mais clareza ao grupo étnico e chegando a concorrer com a classe.

Para esclarecer melhor os conceitos, é necessário fazer a diferença entre raça, etnia e nação. A raça é definida como o conjunto dos indivíduos que possuem em comum um determinado tipo hereditário, é o fator fundamental da história. Por nação, entende-se por uma sociedade unificada e por um governo comum ou agregado de indivíduos por laços políticos, uma língua comum, um território comum e outras características. Já a etnia é uma forma de identificação de uma determinada classe dentro de uma sociedade.

Outro autor Fredrik Barth, no seu livro Teorias da Etnicidade, define grupo etnia como uma unidade que engloba os indivíduos definidos através de uma herança cultural comum, chega a concorrer com a classe que é uma unidade que engloba os indivíduos definidos por sua posição comum dentro de círculo de produção. Segundo Fredrik, a comunidade étnica é uma forma alternativa da organização social de classe e a etnicidade é uma forma de identificação de consciência de classe.

Para Fredrik,

“O que diferencia em última instância, a identidade étnica de outras formas de identidade coletiva é o fato de ela ser orientada para o passado.” (FREDRIK, p.19).

O conceito de raça, para Fredrik, é definido como o conjunto dos indivíduos que possuem em comum um determinado tipo hereditário, é fator fundamental da história. A raça, enquanto determina uma experiência exterior herdada e transmissível pela hereditariedade. Ela só adquire uma importância sociológica quando entra na explicação do comportamento significativo dos homens em relação aos outros, ou seja, quando ela é sentida subjetivamente como uma característica comum e constitui por isso, uma fonte da atividade comunitária.

Já para Weber raça é um patrimônio hereditário e grupo étnico, mas no mesmo nível que os costumes, patrimônio cultural. Depois dessas definições podemos chegar à identidade étnica como crença na vida em comum étnico, constitui-se a partir da diferença. Por outro lado, a identidade não é um conjunto intemporal, imutável de traços culturais (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, etc), são transmitidos de geração para geração, mas vai ao longo dos anos sofrendo mutações entre este grupo e outros grupos em uma organização social que não cessa de evoluir. Pode-se entender como organização de interações sociais aplicáveis do tipo da análise de todo tipo de identidade coletiva (religiosa, profissional, corporativa, política, familiar, de classe social ou de geração de saber, congregação e etc).

Outro autor faz um destaque interessante sobre o assunto, o sociólogo Zygmunt Bauman no seu livro “Identidade”. O sociólogo argumenta que a vida em sociedade causa angústia, dor e a insegurança. Principalmente porque a globalização alterou as condições de trabalho, relação entre Estado, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana, a relação entre o eu e o outro. Observa-se também que a questão da identidade, está relacionada ao colapso do Estado de bem-estar social e posterior crescimento da sensação de insegurança, com a corrosão de caráter que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade.

Mesmo com os efeitos nocivos da globalização à formação da identidade, mas a comunidade representa um abrigo em relação aos efeitos da globalização em todo planeta, provocando choques internos. A comunidade do Treze é uma dessas que resistiu por um bom tempo, principalmente quando a Cooperativa funcionava bem e tinha muitos associados. Além disso, o Treze recebeu muitos novos habitantes nos anos 80 e início dos 90, principalmente pelo bom desempenho econômico da cooperativa. Esses novos habitantes trouxeram consigo seus estilos de vida, a junção dessas ideias, as dificuldades naturais do local. Tudo ajudou a criar uma identidade diferente dos restantes da população de Lagarto.

Com a criação da cooperativa, juntamente com aula de trabalho coletivo, consciência política; isso fez dos moradores do Treze o mais crítico do município de Lagarto, mais participativo nas greves e na vida política da cidade. A população do Povoado Treze sempre sonhou com sua emancipação política, pode-se observar que o povoado é o único de município que tem um hino próprio. A juventude herdou esse desejo e luta cada dia por sua independência.

A reflexão que se faz dos processos identitários são abordagens, descrição e compreensão das relações de poder que envolvem marcadores sociais tomados relevantes, como caracterização da distribuição. De acordo com artigo de Frank e Marcelo “As identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder”, a palavra identidade é empregada comumente como forma de justificativa de valorização de culturas locais, de legitimação de diferenças culturais e comportamentais. A palavra identidade passa a ser tudo que é fenômenos culturais e políticos que sofreram novas formas de coerção e transformações sociais.

O senso comum tem forma de pensar a identidade como um conjunto de marcadores, os quais possibilitam identificar no outro aquilo que se constrói como sendo o sentido de diferença (comportamentos, indumentárias e outros). Isso serve como referência como demarcação das fronteiras quando algo se coloca no processo. Os processos de formação da identidade nos contextos históricos sociais, já que entendemos os processos identitários como relacionais e situacionais. Os contextos são produzidos pela dinâmica de distribuição de poder entre grupos e indivíduo tudo regido pelas normas que os norteiam.

Podemos pensar a proposta de processos identitários a partir de uma perspectiva situacional, relacional e construtiva na qual, muitas disputas na Colônia Treze ocupam um lugar central na constituição da ideia de diferenças e dos sentimentos de pertencimento.

“Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura medeia a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível explicando subjetividade. (...) Somos constrangidos, entretanto, não apenas gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representantes simbólicos, mas também pelas relações sociais.” (WOORWARD, 2000, p. 18-19).

Podemos com base nessa ideia acima, que o pertencimento dos novos habitantes do Treze, foram produzidos por mais relações e sentidos de identificação são resultados de como essas pessoas se pensam e se imaginam no mundo, tudo a partir do contexto das relações sociais com os novos colonos. Além disso, podemos analisar que as pessoas entram e saem dos grupos de pertencimento, ou aderem e afastam-se deles. Essa identidade da Colônia Treze ainda está em construção, devido o contexto histórico, principalmente com o fechamento da

cooperativa. O fechamento trouxe mudanças comportamentais, de um agir coletivamente na produção para um agir individual da produção, com isso trazendo sérias mudanças na identidade.

O senhor José Martins, mora desde o início da fundação do povoado Treze, naquele tempo em que coletividade era mais viva e a maioria das atividades eram feitas com parceria. Segundo ele, hoje observa-se que tudo tem que pagar, as pessoas não ajudam mais por solidariedade.



Figura 11: Foto de Henrique Barbosa de oliveira

Fonte: Própria

Pode-se afirmar baseado nos estudos de Bauman que as comunidades (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que a definem) são dois tipos: A comunidade de vida e de destino, cujos membros vivem juntos numa ligação absoluta, e outras que são fundadas unicamente por ideias ou por variedades de princípios. A Colônia Treze pelas entrevistas que foram feitas com os moradores antigos, mostrou que a comunidade foi formada por ideias econômicas. As gerações anteriores já passaram a ter ligações de vida, devido ao nascimento de muitas crianças e a consolidação da cooperativa. Mesmo depois da crise econômica da cooperativa, a relação absoluta e de ideias permaneceram até hoje.

Para Bauman,

“Tornando-nos consciente de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos pra toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio individuo toma, os caminhos que pertence, a maneira como age e a determinação de se manter firme tudo isso, são fatores cruciais tanto para “pertencimento” quanto para identidade.” (BAUMAN, p.17).

Ao longo dos anos a Colônia Treze, com as novas gerações e a chegada de mais moradores no povoado fez perder muito do espírito de coletividade, de cooperação que eles tinham. Mesmo com a experiência deixada pelos mais velhos, a nova geração aproveita se quiser. Quando uma geração aceita a experiência dos mais velhos, gera um modo de pensar, conseqüentemente conserva uma identidade. Mas, do outro lado dessa experiência está a forma de pensar e deixa uma sociedade do jeito que está sem mudar alguns aspectos relevantes que faça a sociedade crescer e produzir. No entanto, existem experiências que precisam ser abandonadas como exploração do homem pelo outro.

Em seu livro Lembrar, Escrever e Esquecer, Jeanne Marie diz “ouvir o apelo do passado significa também estar atendendo a esse apelo de felicidade e, portanto, de transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocando e ressoar de maneira quase inaudível” (2006). Outro comentário foi de Walter Benjamin, sobre o assunto de história faz a seguinte declaração “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela curtida num instante de perigo.”

A história é reconstrução do passado sobre a base dos rastros deixados pelas pessoas, a memória faz esse processo de trazer o passado de volta ao presente. Uma tarefa essencial do historiador é muitas das vezes transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nomes, aqueles enterrados que constituíram para a construção de uma identidade coletiva. O que para muitos repousa sobre a possibilidade de uma tradição compartilhada, onde experiência é passada para geração futura, ou seja, de pai para filho. O historiador salienta existir uma perda de declínio da experiência, para ele perda de experiência acarreta outro desapontamento das formas tradicionais de narrativa, de narração, que têm sua fonte nessa transmissibilidade.

Um termo usado por Benjamin e muito importante, os elementos de sobra do discurso histórico. Para ele é aquilo que não tem nome, o anônimo, aquilo que foi tão bem apagado que mesmo a memória não subsiste. Aliás, podemos observar isso no povoado Treze porque muitos que moraram no início da colonização morreram, principalmente as mulheres dos colonos com suas histórias, ou seja, a sua memória não existe mais, nem o nome delas estão na história da colônia Treze.

O nosso dever é saber a memória, saber o desaparecido o passado, resgatar, como se diz, tradições, vidas, imagens e falas. A preocupação com memórias antigas como: traços nas cavernas, oral, memória viva, comunitária e coletiva. Hoje o homem moderno para guardar a

memória, organiza colóquios, livros, números especiais recolheram documentos, fotografias, etc.

O autor Adorno mostra que devemos sempre se lembrar de algo ruim para que não se repita e sempre lutar contra o esquecimento. Segundo ele, para que a lembrança e a memória não sejam destruídas, é necessário esclarecimento racional que se torna ainda mais evidente a respeito do passado, esforço que deve transformar-se num gesto de explicação. Devemos lembrar-nos do passado não por lembrar, numa espécie de culto ao passado. Mas, sim uma exigência de análise esclarecedora que deve produzir instrumentos de análise para esclarecer o presente.

A senhora Aleida Assmam, trata a concepção de lembrança e memória, a da escrita, este rastro privilegiado que os homens deixam de si mesmos. A escrita foi dominante por muito tempo, considerando o rastro mais duradouro que o homem pode deixar, ela sobrevive à morte do seu autor e transmite mensagem. Por isso, os papéis encontrados foram fundamentais para reconstruir a história e como também as conversas com os moradores antigos.

Diante do ocorrido na Cooperativa do povoado Treze, a falência por má administração, corrupção que levou a quebra de muitos agricultores da região. Mesmo assim, os colonos acreditaram na solidariedade de muitos para vencer os obstáculos, um exemplo é a Cercos (Cooperativa de Eletrificação e Desenvolvimento Rural Centro Sul), que resiste até hoje. Enquanto o restante de Lagarto é pela Energisa. Esse passado trágico da economia da colônia a fez repensar o modelo econômico do povoado, hoje é formado por comerciantes e agricultores independentes.

O senhor Antônio José Martins Farias, 52 anos, mora há 48 anos no povoado e ainda pegou o final do momento áureo da colônia. Ele aponta alguns aspectos para o crescimento do individualismo, são eles: a falência da cooperativa que abandonou o trabalho coletivo, com isso contribuiu para o aumento do individualismo das pessoas; a política partidária que fez o povoado dividir-se em dois blocos, ajudando ainda ao individualismo; com o aumento de habitantes e construções de conjuntos habitacionais, avenidas, ruas, lojas, tudo isso transformou o Treze em um povoado populoso. Segundo ele, fez com que muitos do povo deixassem de trabalhar na agricultura, diminuindo muito a produção de produtos agrícola e aumento do número de empresas de prestação de serviços.



Figura12: Foto de Antônio José Martins Farias

Fonte: Própria

Isso nos leva a refletir sobre um pensamento que o Robespierre: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agora”. A construção da história do Treze, mesmo sendo pouco mais de 60 anos, já conseguiu ser o maior povoado em população, economicamente e politicamente, justamente por uma construção de uma identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais. O fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais. O nome próprio é o suporte de estado civil que são conjunto de propriedades (nacionalidades, sexo, idade, etc) ligado à pessoa as quais a lei civil associa efeitos jurídicos e que instituem a aparência de constá-la, as certidões de estado civil.

Essa construção de identidade da colônia que se vê hoje, podemos entender melhor através da memória dos mais idosos. Um exemplo disso é o Senhor Antônio Bispo Neto, um

dos moradores do início da colônia. Em uma de suas falas, ele usa a memória quando olha uma foto e começa retratar que o surgimento do povoado deu-se pela necessidade de recuperar o dinheiro perdido devido a grande tempestade. Foi através da memória que ele relatou fatos específicos do surgimento da colônia. Podemos notar na análise de Bergson no seu livro Memória – Sonho e Trabalho, ele começa indagando que “o que percebo enquanto vejo as imagens do presente ou evoco o passado”. Por isso, observa-se, em todos os casos, que cada imagem formada em mim está medida pela imagem, sempre presente, do meu corpo.

Para ele a percepção é um resultado de estímulos “não desenvolvidos” ao mundo exterior na forma de ação. A pessoa estimulada por um objeto para lembrar-se de fatos ocorridos no passado foi o caso do Senhor Antônio.

Para Bergson:

“(…) o corpo, interposto entre os objetos que agem sobre ele e os que influenciam, não é mais que um condutor, encarregado de recolher os movimentos, e de transmiti-los, quando não os detém, a certos mecanismos motores, determinados se ação é fresca, escolhidos se ação é voluntária”. (BERGSON, p. 45).

Além disso, Bergson salienta que “a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do ‘tempo’, Além do mais, não existe percepção sem lembranças, através da memória”. O passado vem à tona ocupando espaço da consciência. “A memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade de nossa experiência”. A memória tem dois tipos de ações que age na consciência, que são memória hábito e memória independente. A primeira é aquilo que fazemos todos os dias, isso fixando como algo rotineiro e a independente e a segunda é a que precisa ser estimulada para lembrar-nos de algo.

“A lembrança é a sobrevivência do passado”, Haldwachs. Essa frase demonstra que esse passado é conservado na memória de cada um. Já Emile Durkhen diz que “os fatos sócias consistem em modos de agir, pensar e sentir exterior ao individuo e detalhes de um poder coercitivo pelo qual se lhe impõem”. Para ele, o excepcional é a memória porque fez lembrar e não reviver, nos refazer, construir-se, repensar, com imagem de ideias de hoje e as experiências do passado. As pessoas mais idosas quando vão atrás das lembranças, perguntando a outros idosos, relendo cartas antigas, olhando fotos e objetos antigos. Os velhos se interessam pelo passado bem mais que os adultos. Os idosos quando deixaram de ser um membro ativo da sociedade, só tem algo a fazer, lembrar-se de fatos do passado. Com isso, torna-se a memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade.

Nas entrevistas que foram feitas aos mais velhos da colônia, ficou constatado o prazer que eles tinham em falar do passado, relembrar os fatos familiares, fatos da economia da colônia, fatos da política local. Primeiramente, segundo Halbwachs, “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso”. Quando um fato ocorrido foi público, tendo sido observado por várias testemunhas, é preciso pegar a opinião de muitos para se chegar a uma verdade do ocorrido. Isso foi feito para se ter uma ideia da formação da identidade da Colônia Treze.

Para Halbwachs,

“Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.” (A memória Coletiva, p. 30).

Quando se quer confirmar ou concordar com uma lembrança, não são necessárias testemunhas no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível. Para se lembrar de fatos ocorridos no passado, é preciso trazer testemunhas exteriores a nós, com isso trazemos uma espécie de sentimento de rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembrança.

Essa memória coletiva, para Benjamin, consiste em um movimento contínuo de imagens do presente que invoca uma imagem do passado, isso se dá pela percepção atual e lembrança. A percepção é um resultado de uma intuição com ambiente e o sistema nervoso. Podemos dizer de acordo com ótica de Bergson, que a memória presente é a relação do corpo presente com o passado ao mesmo tempo em que interfere no processo atual das representações. A memória como conservação do passado e a lembrança é sobrevivência do passado. Por isso, que utilizamos esses mecanismos para se chegar a fatos ocorridos no passado e possamos ter uma melhor compreensão no presente, sempre utilizando de testemunhas que estavam no momento do ocorrido.

A memória não revive, mas refaz, reconstrói com o passado, ela também não é sonho, é trabalho de buscar imagens que relembre fatos ocorridos num tempo distante. Para isso, uma ou mais pessoas reunidas juntas através das suas lembranças conseguem reconstruir toda sequência dos fatos com muita exatidão. Para que a nossa memória possa aproveitar da memória dos outros, não basta que estes apresentem seus testemunhos, é preciso concordar com as memórias deles e que exista muito contato entre uma e outras para que a lembrança que nos faz recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum.

As lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos. Para que a lembrança concretize-se, é necessário o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de intuição sensível. Essa intuição sensível só se desenvolve num ambiente de circunstâncias que façam a pessoa lembrar-se de fatos do passado. Pode-se afirmar que a recordação de certas lembranças não depende da nossa vontade, é porque a nossa vontade não é forte o suficiente. A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes.

Muitas vezes não encontramos as lembranças que procuramos, porque temos de esperar que as circunstâncias nos dê a percepção dos fatos numa sequência de percepções pelas quais só podemos passar de novo refazendo o mesmo caminho, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem e as apresentem a nós. Além disso, esse fato gera imagem das coisas que só existem para nós, uma parte de nossa lembrança não se apoiaria em nenhuma coletiva.

À medida que as pessoas entrevistadas falavam sobre o passado da colônia, a cada frase dita elas lembravam outro fato e assim prossegue relembando acontecimentos que marcaram as suas vidas. Isso mostra que a cada imagem que vem à sua mente, invoca outra ou que uma lembrança atrai outra. Maurice “Nossas percepções do mundo exterior se sucedem seguindo a mesma ordem de sucessão dos fatos e fenômenos naturais”. Isso ficou claro quando um entrevistado pegava objetos ou fotos do tempo da formação da colônia, para cada foto ele começava a contar fatos ocorridos próximos um do outro. Ao pegar uma foto de uma casa dos anos 60, eles descreviam que muitas tinham as formas arquitetônicas iguais. São casas simples, de orçamento relativamente baixo dado ao padrão do homem. Muitos associados, especificamente aqueles que conseguiram melhorar seus níveis de renda, construíram ótimas residências, dando assim um maior conforto a seus familiares. O Senhor Antônio Bispo foi desses que teve melhores condições e deu uma boa educação aos seus filhos.

Pode-se notar nas entrevistas aos colonos mais velhos em comparação com os mais jovens, como o enfraquecimento da cooperativa ajudou a mudar o vínculo da relação entre os agricultores, diminuindo aos poucos o espírito de coletividade para um pensamento mais individualista. Isso porque a produção da grande maioria dos moradores deixou de ser coletiva para o individual. Essa mudança no setor de produção agrícola para os comerciantes, com a chegada de novas pessoas trazendo novos investimentos, ajudou e afetou a forma de pensar e agir da geração atual. Mesmo assim, a geração atual herdou o poder crítico e a

participação na política local. Os jovens atuais da Colônia Treze tem o número maior de universitários, em comparação a todos os outros povoados somados de Lagarto, ficando para trás somente da zona urbana.



Figura 13: Foto de José Martins Farias Neto

Fonte: Própria

O juvenil José Monteiro Neto, 13 anos, estudante do 1ª ano do ensino médio, comentou que em sua opinião a dependência política do Treze em relação a Lagarto atrapalha o crescimento econômico do povoado, não atendendo às suas necessidades básicas e não deixando a implantação de indústria. Além disso, a paixão pelos dois blocos políticos (Saramandaia e Bole-Bole), levam as pessoas votarem pela paixão e não pela razão.

Pode-se afirmar, depois dos depoimentos, que não houve tensão entre os veteranos e novos moradores, mas uma integração sem conflito, adaptando ao estilo de vida e agregando novos valores à comunidade. A integração entre dois grupos é vista como um ajustamento progressivo entre a aculturação dos recém-chegados e sua aceitação pelos membros da sociedade de acolhimento.

Uma diferenciação importante é que grupos étnicos (definidos por nascimento) distinguem-se de outros grupos organizados (grupos religiosos ou de grupos classes sociais). Por isso, pode-se pensar em identidade étnica pelo nascimento ou por assimilação. A identidade de uma pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação.

6. CONCLUSÃO

O estudo da formação da identidade de um dos maiores povoados de Sergipe foi o objetivo dessa pesquisa. Ela mostrou que a colonização da Colônia Treze foi puramente econômica, principalmente na compra de terras que foram distribuídas para agricultores os quais se fixaram. Com isso, os trabalhadores produziam fumo e tinham a obrigação de vendê-los ao Senhor Antônio Martins de Menezes que tinha seu depósito próximo às terras recém compradas.

Com base em alguns documentos produzidos e a maior parte por depoimentos de pessoas que viveram na época da formação e como algumas que nasceram depois. Esses dois grupos foram unânimes em afirmar que a Coopertreze foi quem consolidou a colonização do povoado e também tirou a Colônia da crise econômica. Outros fatos interessantes são os três momentos difíceis que a população passou nos primeiros anos, sendo duas catástrofes naturais e uma econômica. Esses momentos complicados vividos pela população do povoado contribuíram para o fortalecimento de uma característica de sua identidade, que é o da solidariedade, ou seja, a união dos agricultores em ajudar uns aos outros na agricultura. Esse fato no futuro contribuiu para o desenvolvimento da Cooperativa na região, principalmente desenvolvendo o espírito de coletividade para resolver os problemas do povoado.

De acordo com Eclea Bose em subtítulos, “A Memórias dos Velhos”: quando a pessoa chega à velhice na sociedade, ela tem a função própria de ser a memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade. Na Colônia Treze a memória dos velhos foi crucial para realizar esse trabalho, pois forneceu informações importantes que depois foram checadas e analisadas. Entretanto, isso mostrou que as tradições e traços de identidade foram mais marcantes nos filhos, no entanto, nos netos e bisneto em diante foram diminuindo a influência. Os mais velhos foram perdendo a obrigação de lembrar e passar para os jovens.

Os entrevistados velhos que ajudaram a construir a Colônia, conta que no início o trabalho era árduo, começando cedo e terminado tarde da noite, tudo isso para dar conta de tanto serviço. Os velhos lembram esse período valorizando o trabalho feito naquela época, apesar de reconhecer a exploração sofrida ao mesmo uma estranheza a certos costumes dos jovens atuais em trabalhar.

Praticamente todas as pessoas entrevistadas foram categóricas em afirmar que o modelo adotado para a produção do fumo de ajuda mútua, fortalecida depois das catástrofes, foi determinante para o aumento da produção e, principalmente, para relação de convivência entre eles, com isso o desenvolvendo, o companheirismo que futuramente ajudou no surgimento da Cooperativa.

Foi observado nas minhas entrevistas que o processo de formação da indenitária Colônia Treze deu-se a forma como as pessoas vindas com estilo de aventureiros e porque estavam com dificuldades financeiras onde moraram. Mesmo com o modo de pensar diferente entre eles e as dificuldades naturais da terras, chuva intensa, solo pobre, mata fechada e animais selvagens. Isso tudo contribuíram para se unirem, porque só com o trabalho coletivo eles conseguiram transformar o Treze no maior povoado de Lagarto em população e economicamente.

Outra observação importante na construção da identidade da Colônia Treze é que se percebe na juventude um sentimento de pertencimento à comunidade, não tanto pelo seu passado, mas pela sua influência que o Treze tem hoje dentro da cidade de Lagarto, na economia, na educação e na política. O sentimento de pertencimento à Colônia Treze gera para alguns como se ela fosse uma cidade e não um povoado.

Com a fundação da cooperativa foi fácil seguir os princípios que o cooperado tem que seguir braçalmente na lavoura, mas economicamente na criação de um capital de reserva, ou seja, cada associado paga uma taxa à cooperativa. Esse caixa reserva proporcionou no futuro na compra de muitos imóveis para a Coopertreze, com isso tornando-se uma cooperativa modelo para o Estado de Sergipe.

Essas características adquiridas durante esses anos pela população do Treze, fez ter um crescimento social e economicamente diferenciado da região, principalmente criando uma identidade coletiva, que faz ser admirado pelos demais povoados da região. Um povo que durante gerações tem obtido destaque na economia, na educação, um povo mais cobrador dos seus direitos sociais e mais participativos na política lagartense. Um exemplo disso, é que existe um pensamento político de que quem decide a eleição para prefeito de Lagarto é o Treze, porque eles não são tão apaixonados pelo os dois partidos da Cidade de Lagarto, Saramandaia e Bole-Bole. Nos outros povoados pode-se fazer uma previsão de quem vai vencer a eleição, pois são muitos mais apaixonados por um dos dois partidos. Além disso, a população do Treze não reelege por muitas vezes vereadores, quando não trabalham eles trocam. Isso não acontece com os demais que têm muitos vereadores com mais cinco mandatos, alguns deles não fazem nada pela comunidade.

Acreditamos que o trabalho tenha alcançado seu objetivo proposto de identificar a construção da identidade da Colônia Treze ao longo dos anos, mas claro que fica a pergunta: como esse processo ficará no futuro?

Por fim, a pesquisa ajudará a entender a Colônia Treze, na sua formação, a Cooperativa que fez do povoado, uma das maiores Colônias do Estado e por último a

formação de uma identidade diferenciada dos demais e até mesmo do centro da cidade Lagarto, ademais, esse estudo ajudará na construção sobre um conhecimento da colônia.

7. Cronograma dos eventos ocorridos no Povoado Colônia Treze

Data	Evento
Em 1769	Primeira cooperativa do mundo- cooperativa de consumo da Inglaterra
Em 1889	Surgiu o cooperativismo no Brasil – Ouro Preto – MG
Em 28 de agosto de 1913	Nasceu Antônio Martins de Menezes – Povoado Itaperinha - Lagarto
Em 1932	A primeira casa construída na Colônia Treze, pelo senhor Ângelo
Em 1940	Surgiu o Cooperativismo em Sergipe
Em 1948	Antônio Martins já tinha parte da terra da Colônia Treze
Em 1948	Antônio Martins – tornou-se vereador por Lagarto
Nos anos 1950	Povoado Colônia Treze a terra era improdutiva
em 1953	Uma praga de lagarta que destruiu toda lavoura, gerando uma crise
Em 1956	ocorreu uma superprodução de fumo, causando enorme prejuízos aos agricultores
Em 1956	Antônio Martins Vendeu a terra- abrindo falência
Em 1958	O proprietário que comprou a terra Antônio Martins, Antônio Fraga abriu falência.
De 1958 a 1962	Antônio Martins torna-se Prefeito de Lagarto
Em 1960	Antônio Martins compra as terras de novo, através de um leilão.
Em 1960	80 agricultores sem terra foram agraciados com 10 tarefas
Em 1962	chuvas torrenciais que destruiu a lavoura e muitas casas
Em 1962	Fundação da Coopertreze
Em 23 de setembro de 1962	. Os Agricultores tomam empréstimo ao Banco Brasil para investir na terra.

Em 1963	Com o empréstimo a cooperativa comprou mais lotes
Em 13 de julho 1964	A Cooperativa comprou as primeiras máquinas.
Em 1964	A cooperativa rompe com monocultura do fumo e produzidos outros produtos.
Em 1964	A cooperativa enfrentou uma crise financeira.
Em 1964	O Banco do Brasil envia o inspetor o Sr. Aloísio lobo das Mercês para resolver a crise da cooperativa.
em 02 de dezembro de 1969	Surgiu a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB).
Em 1979/1980	A cooperativa - Os créditos de investimento e custeio entraram em colapso
Nos anos 80	o Treze torna-se um reduto da esquerda.
De 1983 a 1989	Foi Vice-Prefeito – o Prefeito era Artur Reis do grupo do Saramandaia.
Em 1989	A crise do crédito rural atingiu auge.
Em 02 de fevereiro 1995	Faleceu Antônio Martins
Em 2010	Segundo o IBGE a população gira em torno de 20 mil habitantes.
Em 2013	Foi inaugurada uma imagem dele na Colônia Treze – comemorando 100 anos nascimento.

8. Referências Bibliográficas

ANGROSINO, Michael (título original). **Etnografia e Observação Participante**. 1ª Edição. Traduzido da 1ª edição publicada em 2009 pela Coleção Pesquisa Qualitativa, de Porto Alegre, Braisl.

ANTONIO, Marco – **Cooperativismo – Arte e Ciências**. 1ª Edição. Editoura Leud. 2003

CAMPOS, Ginez Leopoldo R. **Cooperativismo Agrário e Integração Econômica**. Agricultura familiar Mercosul. Editora EDIUPF, 1989.

COSTA, Luciano de Souza. O Cooperativismo: Uma Breve Reflexão Teórica.

ENNES, Marcelo Alario e Marcon, Frank. Das identidades aos Processos Identitários: repensando conexões entre cultura e poder. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 16, nº 35, jan/abr 2014, p. 274-305

HÉCTOR, William Gómez Soto – **A Sociologia do “mundo rural” de José de Souza Martins – Artigo**. São Paulo, 2002

JOSÉ, Maria Lopes dos Santos. **Os Primórdios da Economia da Colônia Treze de (1950 a 1962)**. Projeto de Qualificação Docente (PQD 2). Polo de Lagarto. Univesidade Federal de Sergipe. 2002.

MACHADO, Jarbas Pires. FECOTRIGO: por uma opção progressista. In: **Rev. Perspectiva Econômica**, v. 24, n. 65, abril/maio. São Leopardo: Ed. Gráfica Universitária da Universidade do vale do Rio Sinos, 4989. P. 27 – 50.

MARTINS, José de Souza – **O Cativo da Terra** – . 1ª Edição. Livraria e Editoura Ciências Humans. 1979

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças, **Manual de Gestão das Cooperativas**. Uma abordagem prática. Serviço Nacional de Aprendizagem de Cooperativismo. Editoura Atlas S.A, 5ª edição. 2011.

SANTANA, Wellington de. Memorial COOPERTREZE 20 Anos de História de 1962 – 1982. BNB/Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer. Universidade Federal de Sergipe. 1998.

SINGER, Paul (In. CUT BRASIL. Cooperativismo e Sindicatos no Brasil). São Paulo. P.

SOUZA, Jéssica dos Santos. Cooperativismo no Campo: Estudo da Coopertreze. 2015

VIEITZ, C.G.; DAL RI, N.M. **Mudanças social na América Latina, trabalho associado e educação**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2009.

VIRGINA, Fernada Kolming. **Camponês: Um Velho/Novo Sjeito nos Tempos da Globalização**. Tese da Mestardo no Núcleo de Pós- Graduação em Geografia. Universidade de Sergipe. 2005

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual.
In: SILVA, T. S. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**.
Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7 – 72.

BAUMAM, Zygmunt. **A Identidade**. Jorge Zahar editora. 2004

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação corpo, com o Espírito**.
Martins Fontes. 1909

Verson e Pedro, Ana Maria Marcos e Joana Maria. Artigo: Memórias como fonte de pesquisa
em história e antropologia. 2012